This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
C348mP

A 474023 DUPL

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES · SCIENTIA · VERITAS
1817
LIBRARIES

O MORGADO DE FAFE
AMOROSO

COMEDIA EM TRES ACTOS

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

REPRESENTADA NO THEATRO DE D. MARIA SEGUNDA

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
50 — RUA AUGUSTA — 52
1865

O MORGADO DE FAFE AMOROSO

COMEDIA EM 3 ACTOS

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

REPRESENTADA NO THEATRO DE D. MARIA II

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
50 — RUA AUGUSTA — 52

1863

869.8
C348mp

Imprensa de Sousa Neves — *Rua do Caldeira*, 17

PERSONAGENS

Morgado de Fafe..... THEODORICO
João Alvares..... SANTOS
Bernardo da Gama..... CESAR
Poncia do Rozario..... DELFINA
Heitor Falcão..... DOMINGOS
D. Hermenigilda Falcão..... EMILIA LETROUBLON
D. Vicencia..... EMILIA ADELAIDE
Quatro sujeitos.
Um creado de hotel.
Romeiros e Romeiras.
Um tocador de realejo.

A scena passa-se na Foz do Porto em 1862.

ACTO I

Vista de sala com seis portas lateraes e janellas.

SCENA I

JOÃO ALVARES *e* PONCIA

João Alvares anda, pé ante pé, espreitando á fechadura das portas lateraes. Traja rob-de-chambre, e lenço branco atado á cabeça.

PONCIA *(Entrando por uma das portas da direita.)* Crédo!.. o sr. João anda assim vestido á fresca! isso é feitio! Olha que preparo!.. Valha-o Deus! Suou tres camizas, e pranta-se ahi com o cadaver ao ar!..

JOÃO. Diz bem, tia Poncia. Isto já não é senão um cadaver, lançado á margem, e exposto aos corvos e abutres das paixões carnivoras.

PONCIA. Que está ahi a alanzoar o sr. João? Vá-se vestir, ande! Agazalhe-me esse peito, que eu vou dizer ao estalajadeiro que lhe dê de almoçar. É preciso comer!... Leve o demo as paixões que o pozeram na espinha!

JOÃO. Comer, tia Poncia! O que é comer sobre a face da terra, quando a vida vegetal paralisou! O meu alimento é o absyntho das lagrimas! Sou o Ugolino da fome do espirito, o Tantalo, o Prometheu devorado pelo incessante abutre!

PONCIA. Que *bruto* está ahi a dizer! A apostar que lhe fizeram alguma os brutos cá da Foz! Eu sempre tive zanga a esta gente! Pois o estalajadeiro! Isso então é um roubar sem dó nem consciencia!

JOÃO. Não me falle nas miserias da vida. Ouça o que eu lhe digo...

PONCIA. *(Lançando-lhe aos hombros um chaile de baeta amarella.)* Pois, sim; mas agazalhe-se... Ora, diga lá. Bacoreja-me que temos patavinice de namoricos... Queira Deus que não esteja por ahi alguma como a Felizarda do outro anno que lhe poz o sal na moleira...

JOÃO. Tia Poncia! Ha uma mulher que não pertence a este mundo.

PONCIA. Coitadinha! Foi por ella que tocaram hontem os sinos a defunctos? Então, resemos-lhe por alma.

JOÃO. Não me corte o discurso! Esta mulher vive.

PONCIA. Ah! sim? Ainda bem; ainda bem!

JOÃO. E vossemecê a dar-lhe! Ouça, e falle quando dever responder. Esta mulher veio hontem á noite de Guimarães, com o morgado de Fafe, e deve estar n'um d'estes quartos.

PONCIA. Será ella a dona da cabra branca, que me não deixou dormir?!

JOÃO. É a mesma; é a dona da cabra branca. Que immensa poesia tem aquelle amor á cabra! Se vossemecê a visse, como eu a vi, a contemplar as estrellas do ceu...

PONCIA. *(Benzendo-se.)* A cabra?! Credo!

JOÃO. A dona, mulher, a dona é que, á uma hora da noite, andava no terraço contemplando o ceu.

PONCIA. Á uma hora da noite uma menina no terraço a ver o sete-estrello! isso é bruxêdo! Cruzes canhoto! Terá ella fadario?

JOÃO. Fadario tem vossemecê de toleima! Vive comigo ha tantos annos, e parece que está cada vez mais tapada, tia Poncia!

PONCIA. Tapada, eu! Eu tapada por que lhe digo as verdades, sr. João! Não lhe disse eu que a Felizarda era uma trapalhona que lhe dava volta ao miólo? Quando o sr. João-

zinho andava atraz da filha do letrado, não lhe disse eu que a rapariga, ás duas por tres, se lhe apparecesse brazileiro, era como se nunca nos vissemos, passe por cá muito bem?! E agora queria que eu lhe dissesse mundos e fundos d'uma tôla que anda pelo mundo com uma cabra atraz d'ella, e vai á uma hora da noite pôr-se assim de bocca aberta a olhar para os planetas? *(Faz o gesto indicado nas palavras)* Deixe-me benzer, e Deus me tenha da sua mão, e mais ao sr. Joãosinho, que o vi nascer, e desde que anda por cá desencabrestado arranja sempre inguiço que o tolhe. Sabe que mais, sr. João? Coma, e beba, e tome os seus banhos que é ao que veio; o mais, leve o diabo, Deus me perdôe, as mulheres, e, quando houver de casar, arranje filha de lavrador, que saiba amanhar a vida, e não olhe para estas fuinhas da cidade, que parecem mesmo o peccado!... Uma raparigaça d'uma vez é a fidalga de Amarante. Aquillo sim! Que côr de saude, que braços, que ilhargas! E depois, disse-me a criada que lá em casa matam dez sevados cada anno! Por que não hade o menino perder o seu tempo com uma moça assim!... Dez sevados por anno! E é fidalga de mais a mais!

JOÃO. Calle-se, que me embrutece! Eu posso lá amar uma mulher que almoça presunto assado, e é estupida como a couçoeira de uma porta?! O meu coração tem aspirações delicadas... Eu quero a mulher-espirito, a mulher-poesia, a mulher-genio, a mulher-sonho...

PONCIA. *(Tirando do debrum do colete uma figa de azeviche.)* Ó sr. Joãosinho, quer sim quer não, faça-me o favor de pendurar ao pescoço esta figa de azeviche! O menino tem coisa ruim no corpo!

VOZ. *(De fóra.)* Ó João!

JOÃO. Entra, Bernardo.

PONCIA. Ahi vem o extravagante!... Olhe se vem almoçar, menino, e não esteja a ouvir os conselhos do estroina. *(Sahe.)*

SCENA II

JOÃO ALVARES *e* BERNARDO DA GAMA

JOÃO. E então? Vens de Lessa, está claro. Perdeste?

BERNARDO. Como sempre, com mais alguma coisa nova para ter que contar. Perdi o dinheiro que levava, o cavallo que me levou, o relogio que vendi, e a cadeia que ainda não tinha pago. Isto é bonito! Sabes tu que, ali no castello do Queijo, deram-me venêtas de atirar ás ondas com esta vida diabolica?

JOÃO. Isso era uma tolice!

BERNARDO. Com que frieza tu recebes um homem afflicto!... Quem me dera ser o que tu és, João?

JOÃO. E que achas tu que eu sou?

BERNARDO. És um rapaz de juizo. Tens um cavallo velho e magro, uma casinhola em Cabeceiras de Basto que te rende doze carros de milho, e quinze pipas de vinho vêrde, e vives feliz!

JOÃO. Não tanto como te persuades, porque tenho aqui dentro *(com a mão no peito)* uma coisa que me incommoda.

BERNARDO. O coração?!

JOÃO. Sim: este musculo que é o maior aleijão que o Creador podia dar ao homem. Se soubesses o que por cá vai desde hontem!... Mas tu não estás para ouvir o primeiro capitulo do meu ultimo romance... Fallemos de ti. Casa-te rico.

BERNARDO. Algumas vezes me tem lembrado essa asneira salvadora, mas sou tão infeliz que receio tornar-me ridiculo se a tentar.

JOÃO. O susto é que é ridiculo...

SCENA III

OS MESMOS, *e* PONCIA

PONCIA. Está o almoço no quarto a arrefecer: venha d'ahi, menino. *(Sahe.)*

JOÃO. *(A Bernardo.)* Anda almoçar comigo, e cá fallamos. Tu já viste a D. Hermenigilda?

BERNARDO. Já.

JOÃO. Vamos fallar largamente de D. Hermenegilda. É a mulher que te convém. *(Sahem.)*

SCENA IV

O MORGADO DE FAFE, D. VICENCIA PIMENTEL, *com a cabra*, D. HERMENIGILDA FALCÃO, *e* HEITOR FALCÃO

HEITOR FALCÃO. *(Como se viessem conversando de fóra.)* Grande alegria me deu a sua vinda, primo morgado!... Esta senhora é que eu não conhecia. *(As duas senhoras estão affagando a cabrinha.)*

MORGADO. *(Ao ouvido de Heitor.)* Tem grande pancada na móla!

HEITOR *(O mesmo.)* Tambem me quer parecer.

MORGADO *(Alto.)* O primo Heitor Falcão havia de conhecer o doutor Pimentel da casa das Lagariças?

HEITOR. Ouvi fallar d'esse doutor.

MORGADO. Pois a sr.ª D. Vicencia é viuva do tal doutor, e veio de Guimarães na minha honrosa companhia.

D. VICENCIA. *(Á parte a D. Hermenigilda.)* Na *honrosa* companhia d'elle!... O homem é parvo!...

D. HERMENIGILDA. *(Com ar estupido.)* Quem? o primo morgado de Fafe?

D. VICENCIA. *(Á parte.)* Ella é tão parva como elle!... Com que gente eu estou relacionada!.. *(Vai fazer festa á cabra.)*

MORGADO. *(A' parte a Heitor.)* O demonio da cabra deu-nos um trabalhão! Imagine o primo aquella bruta dentro da diligencia a dar marradas nos joelhos da gente!...

HEITOR. Então a mulher é doida! Pois ella vinha a dar cabeçadas?!. seria com somno...

MORGADO. Eu fallo da cabra, não é da viuva.

HEITOR. Ah! já percebo! pois elle podéra! A cabra na diligencia!

D. VICENCIA. *(A um criado que avista no corredor.)* Ó homem! dê-me de almoçar á Dejhali: sopinhas de leite, ouviu? leve com modo a Dejhali. *(O criado leva a cabra.)*

HEITOR. O quê? como diz ella á cabra?

MORGADO. Acho que é *deixa-ali*. Eu pergunto-lhe. Ó sr.ª D. Vicencia, como é que a sr.ª diz á cabrita?

D. VICENCIA. Dejhali.

MORGADO. *(A Heitor.)* Vê? *Deixa-ali.*

D. VICENCIA. Deixa-ali, não, De-jha-li. Ainda que eu lhes queira explicar o nome, os senhores de certo não leram a *Notre Dame* de Victor Hugo. *(Os dois encaram-se com ar de estupida zombaria.)*

MORGADO. *(A meia voz.)* Ainda a quer mais atolambada?

HEITOR. *(O mesmo.)* É d'aquella casta!

D. VICENCIA. *(A D. Hermenigilda)* A menina sabe francez?

D. HERMENIGILDA. *(Com o seu permanente ar de lorpa.)* Eu!.. eu sei cá isso!

D. VICENCIA. *(A Heitor.)* Porque não manda ensinar francez a sua filha?

HEITOR. *(Rindo boçalmente.)* De que serve isso? Meus avós morreram muito velhos sem saber francez. Que leve o diabo os francezes! Quando estiveram em Amarante, no tempo do Silveira, arrazaram-me a casa. E a senhora sabe fallar francez?

D. VICENCIA. Sei, e fallava sempre francez com meu marido.

MORGADO. *(A Heitor espantado.)* Não se admire que lá em Lisboa, onde eu estive há quatro annos, as familias, fallavam em francez come se estivessem em França. Eu ia lá a casa de um barão, que me quiz impingir a filha, e tanto ella como a mãe, ás duas por tres, começavam a taramellar em francez. E olhe que eu ainda andei a estudar um bocado da tal lingua; mas a fallar-lhe a verdade, nem p'ra traz nem p'ra diante. O' sr.ª D. Vicencia, falle lá um todonada de francez para o primo Heitor ouvir. É lingua levada da breca! Ora vá lá, diga alguma coisa...

D. VICENCIA. *(Rindo.)* Que hei de eu dizer?.. *Vous etes un sot, et votre cousin est un sot pareil, n'est ce pas vrai?*

HEITOR. É verdade: tem deanho o tal palavriado! Com effeito!

MORGADO. Eu não lhe disse, primo? Ora diga lá isso em portuguez? *(A D. Vicencia.)*

D. VICENCIA. *(Que continúa a rir.)* Eu disse que v. ex.ª e seu primo são dois cavalheiros estimaveis.

MORGADO. *(Com desconfiança.)* Isso são favores.

HEITOR. *(A' parte ao morgado.)* Olhe que ella está a mangar de nós.

MORGADO. Tambem me parece.

D. VICENCIA. *(A Hermenigilda.)* Então a menina não estudou nada?

D. HERMENIGILDA. Eu sei lêr nos livros.

D. VICENCIA. Ah! A menina tem livros?

D. HERMENIGILDA. Tenho alguns.

D. VICENCIA. Romances da *Bibliotheca economica*, talvez...

HEITOR. Não senhora, ella não tem d'isso. A minha filha não lê romances. É peste que me não entra em casa. Lá na Amarante as cabras não tem nomes estrangeiros.

MORGADO. Chamam-se cabras.

HEITOR. Sem tirar nem pôr: é como diz.

D. VICENCIA. *(Sorrindo.)* Mas os romances não servem somente para dar nomes ás cabras.

HEITOR. Então de que servem? De estragar a mocidade. Minha amiga, mulher que lê novellas, diz lá o doutor da Portella de baixo, que não dá boa sahida.

MORGADO. Isso é assim. Em Lisboa, quando eu lá estive ha quatro annos, andava tudo corrompido por causa das novellas, segundo ouvi dizer. As gazetas, primo Heitor, davam todos os dias a noticia de fugirem as filhas aos pais, e os maridos ás consortes, por causa das novellas. A policia não tinha mãos a medir atraz dos que andavam a estragar o genero feminino com as novellas!

HEITOR. Que horror, primo!

D. VICENCIA. *(Rindo.)* E o genero masculino tambem estava assim derrancado?

MORGADO. *(A' parte.)* Está sempre a rir-se o manfarrico da mulher!

HEITOR. *(O mesmo.)* O que eu não sei é como vossê a aturou de Guimarães até ao Porto.

SCENA V

OS MESMOS *e* PONCIA

PONCIA. Deus lhe dê bons dias.

MORGADO. *(Alegre.)* Olha a Poncia! Já sabia que está cá teu amo. Como vai elle?

PONCIA. Anda incatarrado; mas, se Deus quizer, não hade ser nada; e v. s.ª como lhe vai?

MORGADO. Rijo como aço. Esta boa velha é a governanta do meu amigo João Alvares de Freixêdo, do concelho visinho lá do meu. Aquillo é que é um romantico, como lá dizem em Lisboa! Elle agora tem mais juizo, Poncia?

PONCIA. Deus louvado tem que farte para se governar.

MORGADO. Aquillo com senhoras é um doido da primeira ordem. Se elle visse uma senhora que eu cá sei... *(Relancêa os olhos a D. Vicencia.)* ficava logo sem saber de que freguezia era. Onde está elle?

PONCIA. Está lá no seu quarto.

MORGADO. Deixa-me ir vêl-o.

HEITOR. Nós vamos almoçar tambem. Anda d'ahi, Hermenigilda.

SCENA VI

OS MESMOS *e* UM CRIADO

CRIADO. Está o almoço no quarto do sr. Heitor. O sr. morgado de Fafe quer o almoço no seu quarto? *(Heitor sahe com a filha.)*

MORGADO. Leve-m'o para o quarto do sr. João Alvares. *(Sahe.)*

CRIADO. *(A D. Vicencia.)* E v. ex.ª onde quer o almoço?

D. VICENCIA. Aqui mesmo. A cabrinha comeu?

CRIADO. Sim, minha senhora.

D. VICENCIA. Traga-m'a.

SCENA VII

D. VICENCIA *e* PONCIA.

PONCIA. V. ex.ª, ainda que eu seja confiada, é que é a dona da cabrinha?

D. VICENCIA. Sou.

PONCIA. Por muitos annos e bons. Pois minha senhora, eu sou attreita a umas enchaquêcas aqui *(Pondo a mão na nuca)* salvo tal logar, e passo noites inteiras sem pôr olho.

Esta noite estive eu que já não sabia onde tinha a cabeça, e quando ás quatro horas da manhã ia a cahir assim, assim, assim, n'uma madôrna, eis que pega a estropiar por cima de mim, no tecto, uma coisa que me não deixou mais fechar as sêlhas.

D. VICENCIA. Fechar as sêlhas! Que algaravia! Que são sêlhas?

PONCIA. As sêlhas dos olhos; pois isto como se chama? *(Arregaçando as pestanas.)*

D. VICENCIA. *(Rindo.)* Ah! isso são sêlhas?

PONCIA. Seja lá o que v. ex.ª quizer: o caso não é p'ra rir.

O creado vem entrando com o taboleiro do almoço, e a cabra puchada por um cordão de seda.

PONCIA. Aqui está o tal bicho que me não deixou por ôlho!

D. VICENCIA. Dejhali, vem cá, Dejhali... *viens ici; est ce que tu as dejeuné ton lait? Ma cherie Dejhali; donne moi ton joli museau...* O' mulhersinha, vossemecê não gosta da minha Dejhali?

PONCIA. Ella dá leite?

D. VICENCIA. Que pergunta? Pois a minha cabrinha ha de dar leite?

PONCIA. Então isso de que serve? A senhora anda com esse brutinho atraz de si pelo mundo?

D. VICENCIA *(Está almoçando)* Ando, sim; e que tem? É a minha amiga unica.

PONCIA. A cabra!? Ora essa! não me faltava vêr mais nada! Pois a senhora não acha uma pessoa christã e baptizada que seja sua amiga?..

D. VICENCIA. Não quero amizades da minha especie. Os irracionaes são os entes mais agradecidos que fez o Creador. Toma, Dejhali! *(Dá-lhe um bolo.)*

PONCIA. Louvado seja o Senhor! A dar docinhos á cabra!... Pois, minha senhora, eu tenho a pedir-lhe um favor a respeito cá da sua amiga.

D. VICENCIA. Que quer a mulhersinha?

PONCIA. Eu não sou mulherzinha: sou Poncia para a servir. O que eu quero é pedir-lhe o favor de não dormir com a cabra no mesmo quarto. A senhora mora por cima de mim, e eu moro por baixo da senhora e da cabrinha. Ora o berzabum da bruta esteve toda a noite a cossar-se, e não me deixou fechar ôlho...

D. VICENCIA. Já sei essa historia; mas não sei que lhe faça. Diga ao dono do hotel que me mude a mim, ou mude a vossemecê: a minha cabrinha não sae de ao pé de mim.

PONCIA. Mas eu pensava que as estalagens na Foz não eram curral de gado. Pelos modos, quem for amigo unico d'um porco ou d'uma vitella póde metter no quarto os seus bichos!...

D. VICENCIA. *(Erguendo-se para sahir.)* Sabe que mais, mulhersinha? Eu não estou para a aturar.

PONCIA. Olhe, minha senhora...

D. VICENCIA. *(Voltando o rosto.)* Que é?

PONCIA. *(Com um dedo na testa.)* Deus lhe dê miôlo. Ninguem é pobre senão de juizo.

D. VICENCIA. Estupida! *(Sahe.)*

PONCIA. Valha-te a breca!... E meu amo a dar cavaco por esta lambisgoia! Ora a gente, cá por este mundo, sempre topa com cada pantomineira!

SCENA VIII

JOÃO ALVARES, BERNARDO DA GAMA *e* PONCIA

JOÃO. Que é isso, Poncia? Vossemecê está com cara de zanga! que lhe aconteceu?

PONCIA. Não sei o que aconteceu, sr. João... O que sei é que, se a cabra não sahir lá de cima, eu já aqui não fico esta noite... Bote lá as suas contas como quizer... *(Sahe.)*

JOÃO. Tem um genio endiabrado; mas é a creatura mais necessaria á minha vida... (*Mudando de tom.*) Mas dizia-te eu, meu caro Bernardo, que a experiencia ainda te não amadureceu quanto é necessario para viver n'este mundo. Ridiculo só conheço um homem n'este planeta: é o que não tem dinheiro. As tentativas, que se fazem, para alcançar o dinheiro são sempre serias, heroicas, e epicas. Se fizeres a côrte a uma rapariga rica, riem de ti os zombeteiros candidatos á rapariga rica; mas esse riso só póde ser-te penoso, se a mulher te não indemnisar com o sorriso d'ella. Conheço enormissimos alarves que tentaram, e prosperaram. Quando um homem diz de si para si «hei de casar rico, apezar de todos os contratempos» casa rico. O primeiro passo a dar é convencer-se um homem de que a vergonha é uma excrescencia que nos molesta, e deve ser amputada da consciencia, como quem corta um callo. O segundo, é procurar a mulher atravez de todas as torpezas, como o mineiro procura o oiro atravez do saibro e do lôdo. O terceiro, é levar com a porta na cara, e ficar com a cara voltada para outra porta. O quarto é teimar. O quinto, é teimar. O sexto...

BERNARDO. É teimar. Tenho entendido. Mãos á empreza. Cobrei espirito novo. Dentro de um anno hei de estar casado com mulher rica, bonita, intelligente, virtuosa...

JOÃO. Alto lá! isso é muita coisa. Assim tambem o Bocage a queria para um assumpto d'uma decima, e disseram-lhe que não! Observa tu que nem para dez versos ha isso tudo junto! Rica? d'accordo: isso é possivel. Intelligente? Isso não tira nem dá. Ha opiniões a esse respeito; mas eu não tenho nenhuma; porém, sempre te direi que não é bom que a esposa conheça que entre homem e mulher ha egualdade de direitos. Formosa? Pieguice e contrasenso! Mulher formosa é sempre a mesma coisa, e aos olhos do marido perde pouco a pouco o prestigio da bellesa. Mu-

lher feia, com a continuação da convivencia, vai perdendo a fealdade, e chega a parecer galante. As mulheres feias tem inspirado ardentissimas paixões. Dizem que ellas tem uma compensação de graças que vão lavrando raizes no coração. Eu não sei se é no coração, se no figado: o que posso asseverar-te é que tenho visto mulheres formosas apagarem muitos incendios, e as feias atearem-os. Dido, Helena, e Cleópatra dizem que foram lindas mulheres por terem apaixonado Eneas, Páris e Antonio. O que de certo se não sabe é se eram feias. Em quanto a virtuosa, meu caro Bernardo, a esse respeito tinha eu muito que dizer; mas os discursos são o espantalho da acção. A mulher que te convém é Hermenigilda, a filha de Heitor Falcão.

BERNARDO. Pois achas que está no caso?

JOÃO. Muito no caso.

BERNARDO. Mas não ouviste ainda agora dizer o morgado de Fafe que gostava d'ella?!

JOÃO. Tu não tens vergonha de recear a concorrencia com o morgado de Fafe?! Aquillo é homem que possa assustar nenhum rival!?

BERNARDO. Homem! tu pareces-me menos conhecedor do coração humano do que suppões!

JOÃO. Cala-te ahi, tôlo... Elle ahi vem com ella!... Repara-me bem n'aquelle corpo!... Olha...

SCENA IX

OS MESMOS, HERMENIGILDA, HEITOR, *e* O MORGADO

MORGADO. Vamos esmoer o almôço por essas praias fóra. Estes ares do mar não deixam parar a comida no bucho! *(Vai a uma janella lateral.)* Olhem vossês como é grande o mar!... *(Recua contemplativo.)* Oh! ninguem entende o que isto é!... Como se faria o mar? Por que será

que o mar cresce e minga? Quantas pescadas haverá no mar? A gente sempre a comer peixe, e nunca se acaba!.. Expliquem lá isto!... Lá vai a passar um vapor... Sempre os homens tem idéas! Pelos modos, o que faz girar as rodas é o fumo do carvão. Uma coisa assim! Olha, olha, como elle vai depressa!... Aquillo é que é!... Ó sr.ª D. Hermenigilda, gosta de ver o mar? *(Mavioso.)*

D. HERMENIGILDA. *(Lorpa.)* É muito grande; tenho medo ás ondas. Afoga-se lá muita gente?

MORGADO. Quando acontece, afoga; mas agora diz que se inventou uma engenhoca, que não deixa ir a gente ao fundo.

JOÃO É o colete de salvação.

MORGADO. *(Fazendo tregeito de quem enche o colete de salvação.)* E sopra-se-lhe p'ra dentro?

JOÃO. Certamente.

D. HERMENIGILDA. Ah! sopra-se-lhe?! Mas eu quando tomo banhos no rio não posso soprar debaixo d'agua.

MORGADO. Pois o sopro é cá fóra, menina.

JOÃO. *(Á parte a Bernardo.)* Olha que dialogo aquelle! Vê tu que duas alimárias!

BERNARDO. *(O mesmo.)* É impossivel que a natureza os não una!... Perdi as esperanças...

MORGADO. *(Á Hermenigilda).* A priminha não leva luvas? Cá reparam n'isso.

D. HERMENIGILDA. Eu tenho umas, que comprei cá no anno passado: lavei-as, quando estava para vir, e a pelle encolheu; encarquilhou-se toda.

HEITOR. Compram-se outras, Hermenigilda; vamos lá á tenda compral-as.

MORGADO. *(Indicando o chapéo de Hermenigilda.)* O' primo Heitor, olhe que estas barretinas já se não usavam em Lisboa quando eu lá estive ha quatro annos. A filha do barão de Cassurrães tinha uma muito mais pequena, assim com

nas orelhas aqui *(indicando)* e uma cousa assim a modo
: bambinela aqui por traz.

HEITOR. Ora! deixe-se d'isso! Uma barretina quer-se as-
m grande para tirar o sol da cara.

MORGADO. Não, senhora. A priminha hade comprar outra
ırtola á moda de Lisboa. Quer? a minha menina quer ou-
a barretina?

D. HERMENIGILDA. Eu... como o outro que diz... não se
e dava. Já a D. Vicencia hoje me disse que o meu cha-
ço dava fazenda para quatro... Se eu podesse fazer dois,
andava-se arranjar. O que eu queria era um balão, meu
aisinho.

BERNARDO. *(Á parte.)* Como a innocencia é estupida!

MORGADO. Tem rasão; precisa de balão... Eu não desgosto
) balão, a fallar a verdade. Hade arranjar-se tudo, pri-
inha. Vamos já tratar d'isso. Fica por aqui, amigo João?

JOÃO. Fico, sr. morgado.

MORGADO. Então, veja lá... Cuidado com a mulher da ca-
rinha... Vossê é um velhaco d'aquella casta!.. Ah! su ra-
o!... Eu sempre vou vêr se ella quer passear. *(Vai a uma
ıs portas lateraes.)* Acho que é aqui. *(Batendo á porta.)*
' sr.ª D. Vicencia! D. Vicencia?

VOZ DE HOMEM. *(Dentro.)* Vá bater ao diabo que o leve.

MORGADO. Enganei-me. Hade ser aqui. *(Bate com muita
rça.)* D. Vicencia, D. Vicencia, a senhora quer vir dar
ma passeata?

SCENA X

OS MESMOS *e* UM SUJEITO

*bre-se de repente a porta, e assoma um sujeito embrulhado n'um
cobertor, e barrete de dormir.*

O SUJEITO. Que alarve é este que anda a incommodar
uem dorme?!

MORGADO. Fui eu que me enganei... perdoará... Procuro a sr.ª D. Vicencia.

O SUJEITO. Eu não sou D. Vicencia.

MORGADO. Bem vejo; por isso pode-se deitar v. s.ª, mas olhe que são dez horas e meia.

O SUJEITO. Quem lhe pergunta ao estupido personagem as horas que são?

MORGADO. Veja lá com quem falla, ó menino? Olhe que eu sou Antonio dos Amaraes Tinoco Valladares, morgado de Fafe.

O SUJEITO. Que me importa a mim isso? E eu sou Bonifacio da Silva.

MORGADO. Pois, sr. *Bonifrates* da Silva, recolha-se, que eu já não estou bom. Ponha côbro na lingua, e deite-se, que eu ás duas por tres, se me fazem cócegas, costumo... sim, isto é um modo de fallar... *(Faz o tregeito de quem volta um homem de pernas ao ar.)* Se o senhor quer saber quem eu sou, vá perguntal-o a Lisboa.

O SUJEITO. O senhor ameaça-me?! *(Sahe fóra do limiar da porta).*

MORGADO. O senhor não tem vergonha de apparecer assim embrulhado n'um cobertor deante d'aquella menina? Tape os olhos, prima! *(D. Hermenigilda tapa o rosto com a mão.)*

O SUJEITO. Acordar-me, e insultar-me, é de mais.

MORGADO. Podia, ser mais... vá-se p'ra sua cama, na graça de Deus, vá, vá, que eu já não regulo bem do toitiço... *(Leva-o com bons modos entre as mãos até o metter ao quarto.)* Se aqui não está esta innocente... *(Indicando Hermenigilda)* e eu não receasse que o cobertor lhe cahisse, pespegava-o como uma obreia acolá no tecto. Onde diabo está mettida a senhora da cabra?

JOÃO. Creio que o seu quarto é aquelle, sr. morgado.

MORGADO. Este? *(Bate.)* D. Vicencia.

VOZ DE D. VICENCIA. Que quer?

MORGADO. Ella cá está. *(Alto.)* Quer vir dar uma passea-
a? *(Voz dentro que não se intende.)* Falle alto, que não se
uve nada na platéa.

D. VICENCIA. *(Dentro.)* Não posso sair por ora, que está
cabrinha a dormir.

MORGADO. *(Para fóra.)* Está a cabrinha a dormir!... Isto
ó com um tirapé!.. *(Alto.)* A senhora está maluca?

D. VICENCIA. Não me incommode, que me accorda a Dej-
ıali.

MORGADO. Vamos embora. O' amigo João, uma doida as-
im á perna é que eu lhe queria!. *(Sahe com Hermenigilda Heitor.)*

SCENA XI

JOÃO *e* BERNARDO

JOÃO. Vejo que estás pasmado da estupidez de Hermeni-
ilda! Eu tambem, palavra d'honra! Já me não atrevo a
conselhar-te que a ames.

BERNARDO. Estás enganado. Gósto de vêr assim a estupi-
lez no seu estado de perfeição primitiva. Andava eu morto
or encontrar a mulher como ella foi no tempo em que se
omiam bolotas e medronhos. Pensas que arrefeci na empre-
a? Não tenhas medo. É uma mulher deliciosa para um ho-
nem que quer casar-se rico, e desligar-se das obrigações que
e contrahem matrimonialmente com uma mulher que tem
lma. Tomaram muitos encontrar a innocencia d'ella! Aquil-
o é tudo materia estreme como a dá a madre natureza.

JOÃO. Bem! Gosto de te vêr n'essas idéas. É preciso já
á escrever á pequena.

BERNARDO. É um grande embaraço! Não sei como se es-
reve a uma mulher assim.

JOÃO. Escreve-se-lhe uma carta muito tola. Quéres tu que eu entre no teu coração, e que falle por ti?

BERNARDO. Valeu! Nota lá a carta. Aqui está tinteiro e papel.

JOÃO. Em quanto eu escrevo o rascunho, vai tu na trilha de Hermenigilda, e faz que ella te veja. Segue o meu conselho, que estás fallando com o mais profundo conhecedor do coração humano.

BERNARDO. Obedeço-te cegamente. *(Sahe.)*

SCENA XII

JOÃO, *e depois* D. VICENCIA

João Alvares escreve alguns segundos.

D. VICENCIA. *(Dentro.)* O' creado! Leve-me a minha cabrinha a retouçar na hervagem d'essa alamêda. Venha buscal-a.

JOÃO. *(Suspendendo a escripta.)* A retouçar-se na hervagem d'essa alamêda—que estylo! *(Ergue-se.)* Esta mulher é um genio!

(Atravessa um creado a scena: recebe a cabra á porta da alcova de sua dona, e sahe.)

D. VICENCIA. *(Fóra.)* Leve-a com muito geitinho, ouviu? *(Reparando em João Alvares.)* É o sr. João Alvares?

JOÃO. Um criado de v. ex.ª Como se dá o feliz acaso de lhe ser conhecido o meu nome obscuro, minha senhora?

D. VICENCIA. Obscuro!? Lucidissimo! Pois v. s.ª não tem escripto folhetins no *Braz Tizana*, e nos periodicos de Guimarães?

JOÃO. Uns pobres folhetins, minha senhora, que só tem o merecimento de terem attrahido olhares de v. ex.ª

D. VICENCIA. Não só olhares; mas tambem o espirito; não

só o espirito; mas tambem o coração, o coração, entende-se, que comprehendeu o seu.

JOÃO. O' minha senhora! Eu advinhei em v. ex.ª uma alma distincta, quando ás duas horas da manhã a vi no terraço.

D. VICENCIA. Ah! viu?

JOÃO. V. Ex.ª contemplava as estrellas do ceo; e eu, ao clarão d'estas estrellas, estava vendo o anjo da terra.

D. VICENCIA. *(Risonha.)* Vejo que tinha o estro afoguiado quando eu entrei... Estava poetisando?

JOÃO. Sim, minha senhora. Escrevia as impressões d'esta noite.

D. VICENCIA. Permitte que eu veja?

JOÃO. Oh! perdão, minha senhora! As paixões tem o seu pudor. O homem apaixonado é um doente febril.

D. VICENCIA. Gostou da minha cabrinha?

JOÃO. E' uma écloga, um idyllio, a cabrinha de v. ex.ª

D. VICENCIA. Lembra-se da Esmeralda de Victor Hugo?

JOÃO. Que tambem tinha uma cabrinha branca...

D. VICENCIA. A Dejhali.

JOÃO. Que já compunha seis lettras do alphabeto para formar o nome do ditoso amante da cigana.

D. VICENCIA. Era *Phebus*...

JOÃO. Sim, *Phebus*... Se a Dejhali de v. ex.ª chegasse a compôr um nome de quatro lettras...

D. VICENCIA. *(Sorrindo.)* João?

JOÃO. Sim: é um nome muito prosaico, não é?

D. VICENCIA. A poesia está no coração; não é nos nomes.

SCENA XIII

OS MESMOS, *e* PONCIA

(*Poncia vem arrefecendo com a colher uma tigella de caldo, que fumega.*)

PONCIA. Trago aqui um caldo de gallinha, sr. João. (*Baixo, vendo D. Vicencia.*) Cá está a azarotada!

JOÃO. Leve o caldo, Poncia; não quero caldo agora.

PONCIA. Hade comer o caldo, quer queira quer não. Vamos a isto. A senhora hade dar licença que o sr. Joãosinho coma.

D. VICENCIA. Eu privo-o?

PONCIA. Vá; bote p'ra baixo, que é de franga. O menino não come, e eu depois é que o aturo quando não póde com uma gata pelo...

JOÃO. *Scio*! Veja lá como falla.

PONCIA. Eu fallo como sei. Olhe lá se quer que eu mude de lingua?

JOÃO. Leve o caldo, já lh'o disse, sr.ª Poncia.

PONCIA. (*Ironica.*) O' minha senhora, faz favor de pedir ao sr. João que coma o caldo da franga?

JOÃO. (*Erguendo-se irritado.*) Poncia! Veja lá!...

PONCIA. Sabe que mais? Tenha tino n'essa cabeça? O que me falta é vêl-o comprar tambem um cabritinho! (*Sahe.*)

SCENA XIV

D. VICENCIA *e* JOÃO

D. VICENCIA. (*Rindo ás gargalhadas.*) Tem raiva á minha cabra a sua criada! Não cuidei que esta mulher era da sua

ménagerie. Já hoje me applicou a receita do juizo tambem.

JOÃO. A v. ex.ª!?

D. VICENCIA. A mim, pois porque não! A velhinha tem a mais estupida das liberalidades...

JOÃO. Vou despedil-a do meu serviço!..

D. VICENCIA. *(Rindo.)* Deixe-se d'isso, que eu não lhe agradeço o sacrificio. Vá tomar o seu caldinho, vá, que lhe peço eu. Vou vestir-me para sahir. Estimei muito conhecêl-o pessoalmente. Saiba que tem em mim uma admiradora do seu estylo. *(Corteja, e recolhe-se ao quarto.)*

JOÃO. Oh! minha senhora!...

SCENA XV

JOÃO *e* PONCIA *que entra logo pela porta fronteira com o caldo.*

PONCIA. Ora ainda bem que se foi o berzabum da mulher. Vamos ao caldo, que está frio.

JOÃO. A sr.ª Poncia atreveu-se a muito!...

PONCIA. Quer ralhar á velhinha que o viu nascer? Pois ralhe, ralhe; mas tome o caldinho para ter mais forças p'ra ralhar. Sua mãe, quando o cá deixou, entregou-m'o a mim; já agora hei de morrer a dizer-lhe as verdades. *(Limpa os olhos.)*

JOÃO. *(Commovido.)* Tem razão, minha Poncia; perdôe, e dê cá um abraço. Eu sou um doudo. *(Toma o caldo.)*

PONCIA. *(Alegre.)* O caldinho tem ortelan e umas folhas de salsa. Está gostoso?

JOÃO. Está muito bom, muito gostoso.

PONCIA. *(Fiando na roca, que traz á cintura.)* Como ella veio logo aqui pespegar-se! A doutora de não sei que diga! O menino não póde vêr uma mulher! Coisa assim! Fica

logo atarantado! Ora o sr. João que não hade tomar inclinação a uma lavradeira, que tenha arranjo de casa, e que trate do menino, quando eu morrer! Que graça tem esta serigaita com a cabra atraz d'ella?

JOÃO. *(Mansamente.)* Falle baixo, tia Poncia; eu não tenho nada com a mulher. Estava a disfructal-a. Leve a tigela, que eu tenho que escrever aqui uma carta.

PONCIA. Tenha juisinho, sim? *(Vae a sahir.)*

JOÃO. Pois sim... deixe-me escrever.

PONCIA. *(Voltando á scena.)* Olhe que á noite hade pôr as papas de linhaça na bocca do estamago...

JOÃO. Pois sim; vá com Deus. *(Sahe Poncia.)*

SCENA XVI

JOÃO, *e depois* BERNARDO.

JOÃO. *(Lendo as ultimas linhas do rascunho.)* Nos meus sonhos, tenho visto muitas vezes uma visão vestida de nuvens córadas de luz, calçada de estrellas, coroada com o arco iris, sentada na lua... *(Prosegue a escripta.)*

BERNARDO. Aqui estou! Que é da carta?

JOÃO. *(Sem levantar mão da escripta.)* Estou com ella.

BERNARDO. A mulher olhou-me de certa maneira.

JOÃO. *(Escrevendo sempre.)* Sim?

BERNARDO. Appareci-lhe em todas as lojas em que ella entrou.

JOÃO. E então?

BERNARDO. Fiz-me do rancho, e cheguei a dizer-lhe que qualquer chapéo ficava bem á sua formosura.

JOÃO. Bravo! e ella que tolice respondeu?

BERNARDO. Fez-se vermelha.

JOÃO. Pois agora vai ficar amarella. Está prompta a carta.

BERNARDO. *(Esfregando as mãos.)* Vamos a isso. Lê lá.

JOÃO. *(A' frente, lendo com muita emphase.)* «Com o coração em viva braza, lanço mão da penna tremula para expôr á vossa compaixão o triste sudario da minha alma.

«Os vossos olhos são frechas do implacavel Cupido, que não perdôa a reis nem a vassallos, que abranda o coração da panthera de Java, e enternece as melodias do rouxinol.

«Ingrata serieis, ó Hermenigilda amada, se mostrasseis indifferentes á dôr os olhos que tamanha dôr causaram. Não! É impossivel que n'esse peito de alabastro, ninho dos prazeres, se aninhe a vibora da ingratidão.

«No vosso angelico sorriso, ó cara pomba, pousou a minha felicidade, que, ha muito, busco por toda a parte, como andorinha que perdeu o trilho aerio da sua patria, e ficou erma e só na região das neves.

BERNARDO. *(Interrompendo.)* Ella não entende isso!

JOÃO. É justamente o que nos convem. Se ella entendesse fasia da carta dois papelotes, e mandava-te á fava. Escuta lá: *(Lê.)*

«Eu sou como o viajante nos desertos da Mezopotamia, ardente de sêde, pedindo a cada miragem uma gotta d'agua, e bebendo candeias accezas nos raios do sol oriental.

BERNARDO. Isso parece-me asneira! *Bebendo candeias accesas!* Viu-se ja maior disparate!

JOÃO. Tu queres que ella te perceba, ou não?

BERNARDO. Quero que perceba: é boa a pergunta!

JOÃO. Pois, se tu lhe disseres que bebias no deserto linguas de fogo, em logar de candeias accesas, entender-te-ha melhor? Candeias sabe ella perfeitamente o que são; e linguas, em quanto a mim, só conhece a de porco, e de vacca. Se me começas a contrariar, recolho a inspiração, e deixo-te nas trevas. *(Lê.)*

«Nos meus sonhos, tenho visto muitas vezes uma visão vestida de nuvens córadas de luz, calçada de estrellas, coroada com o arco iris, sentada na lua, com o sol engastado

no peito, e o globo terraqueo a seus pés. Ereis vós, Hermenigilda! Apenas vos vi, reconheci-vos como o molosso reconhece o dono, a rola o ninho, a lebre a cama, e a truta a colheita! Vêr-vos e não amar-vos, seria morrer de vêr-vos; e amar-vos sem vêr-vos só eu pude; e que faria eu depois, ao vêr-vos, se não amar-vos?

BERNARDO. Acaba depressa com isto! — *Vêr-vos, não vêr-vos, amar-vos, e vêr-vos, e não amar-vos...* que diabo de embrulhada é esta?

JOÃO. *(Declamando.)* És um sandeu! Está explicado o segredo da tua nullidade perante as mulheres. Tens trinta annos, e todas as tuas conquistas reduzem-se á filha d'um chapelleiro de Braga. Podias ter um nome em Portugal, se ao teu patrimonio quasi dissipado, e á tua excellente figura, quasi em decadencia, juntasses um pouco de estylo. Todo o conquistador deve ter um arsenal bem fornecido de bombas phraseologicas. A idéa não é que persuade uma mulher: é a palavra. O que tu chamas *embrulhada*, meu tolo, é o melhor que se póde dizer, quando não ha nada que se diga.

BERNARDO. Suppõe tu que ella me não entende!

JOÃO. Certo d'isso estou eu.

BERNARDO. O que se segue é não me responder.

JOÃO. É justamente o que te convem.

BERNARDO. Ora essa!... *que me cônvem?*

JOÃO. Sim! Convem-te que não responda; porque, não respondendo, falla-te. Que lucras tu com a correspondencia epistolar d'esta creatura?

BERNARDO. Pensas bem, João! És um grande homem! Ora anda lá.... diz mais alguma asneira. Estavas no *vêr-vos e não vêr-vos, amar-vos e não amar-vos...*

JOÃO. *(Lendo.)* «Cezar, foi! viu! e venceu! Eu, vim! vi! e fui vencido! *(Grande estrepito de chuva nas vidraças, e estrondo de trovoada.)*

SCENA XVII

OS *mesmos*, *o* MORGADO, HEITOR, D. HERMENIGILDA, PONCIA, *e* D. VICENCIA *depois*

Os tres primeiros vem sacudindo os fatos molhados. Hermenigilda traz um balão enorme, e um pequenissimo chapéo. Poncia traz um coto de vela benta accésa.

MORGADO. Que tal está a molhadéla!...

D. HERMENIGILDA. A barretina escangalhou-se, ó paesinho?

HEITOR. Se trouxesse a outra, não te molhavas, rapariga; mas vossês não querem fazer o que eu digo!

MORGADO. Isso torna a endireitar-se. Saccuda o balão, prima, que se lhe não vá metter a humidade nos ossos. Assim... *(Ajuda a sacudir o balão.)*

PONCIA. *(Á parte indicando o balão.)* Olha que preparo aquelle!...

D. VICENCIA. *(Muito afflicta.)* Não ha ninguem que lhe accuda! Não ha uma generosa alma que me salve a minha cabrinha!

JOÃO. *(Com vehemencia.)* A sua cabrinha, minha senhora! Onde está a sua cabrinha!...

D. VICENCIA. Está á chuva, correndo espavorida na alamêda... Veja, veja... *(Leva-o a janella.)*

JOÃO. Corro a salval-a! Corro a salval-a!

PONCIA. *(Retendo-o pelas abas do chambre.)* Não vai, que está doente, e molha-se...

JOÃO. Largue-me, tia Poncia!

D. VICENCIA. Salvem-me a Dejhali!

JOÃO. Corro a salval-a!

PONCIA. Não vai, que tem rehumatismo! Eu depois é que o aturo...

D. VICENCIA. Oh!.. que infortunio! Que infortunio!..

JOÃO. Corro a salval-a! *(Deixa ficar o chambre nas mãos de Poncia, e sahe accelerado.)*

PONCIA. *(Colerica e solemne.)* A senhora da cabra hade dar cabo de meu amo! Eu a arrenego! O meu menino atraz das cabras com este temporal!

MORGADO. Não te afflijas, Poncia! Isto de quem ama hade andar com a cara p'ra diante. Não é assim, prima Hermenigilda?

D. HERMENIGILDA. *(Apertando o balão.)* Eu não sei lá d'essas coisas. Está-me a querer cahir o balão!

MORGADO. Elle parece que ganhou vento!

SCENA XVIII

OS MESMOS *e* JOÃO *com a cabra nos braços*

D. VICENCIA. *(Transportada.)* Mil agradecimentos! O cavalheiro é um heroe!...

JOÃO. A sua cabra está salva!

D. VICENCIA. Tão molhadinha! *(Começa a enxugar o felpo da cabra com o rob-de-chambre que Poncia lança aos hombros de João.)*

PONCIA. *(Arrancando-lhe das mãos o chambre com furia.)* Olha o demonio da mulher!... a limpar a cabra com o casaco de meu amo!.. Eu t'arrenego!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

A scena passa-se no terreiro do hotel. A casa tem algumas janellas de serventia, e figura-se de esguêlha, de modo que se veja a lua prateando o mar. Á direita do espectador, sobranceiro ao edificio, ha um terraço de serventia. Presume-se que a estrada atravessa o palco na parte mais convisinha da platéa. É noite.

SCENA I

BERNARDO *e* JOÃO *encapotados melodramaticamente*

JOÃO. E como podeste entregar-lhe a carta no corredor? Isso havia de ser difficil sem o morgado vêr, ou o pai.

BERNARDO. Não foi: ella ia sosinha, e eu, com o mais timido acanhamento de respeitoso amante, pedi-lhe se me lia aquella carta. Ella ficou azabumbada um pouco; mas eu não lhe dei tempo a reflectir. Mas o resto, o admiravel, o espantoso é que tu não sabes!

JOÃO. Deste-lhe um osculo na mão?

BERNARDO. Não. Muito mais do que isso.

JOÃO. Foi na testa que lhe déste o osculo?

BERNARDO. Que mania é essa *d'osculos?* Por que não dizes beijos como toda a gente?

JOÃO. Por causa da censura.

BERNARDO. Pois, eu, respeitando-a censura não lhe dei osculo nem beijo. Pedi-lhe que me fallasse hoje ás nove

horas da sua janella para a rua E ella, quando eu receava alguma má resposta....

JOÃO. Disse-te que...

BERNARDO. Que sim, se não adormecesse.

JOÃO. *(Rindo.)* Mas é que ella a essa hora está a dormir como uma pedra.

BERNARDO. Estará?!

JOÃO. Homem! eu conheço vinte e cinco especies de mulheres; mas esta da tua Hermenigilda é nova para mim. Póde ser que esteja acordada, posto que, segundo boas informações que tenho de um conhecido d'esta familia, sei que a flôr d'Amarante come o seu caldo verde ás sete horas, deita-se ás oito, e ás nove é massa bruta. Ora agora, se o amor é capaz de a despertar com os seus aguilhões, isso é que estamos para vêr. Entretanto, já sabes quaes são os costumes em casa de teu futuro sogro. Ás oito horas hasde estar no thalamo conjugal com tua esposa, tu com um barrete de troçal, e ella com uma touca de linho cru, e ambos a ressonar o mais estupidamente que se póde.

BERNARDO. Estás enganado, João! Se eu casar com ella, pensas que me vou degradar na Amarante!? Isso sim!... Heide viajar a Europa. Que póde viver o pai? Dois annos ou tres. Queres tu ir viajar comnosco?

JOÃO. *(Sorrindo.)* Oh! pois não heide querer! Havemos de ir viajar á roda, por cima, e por baixo do globo!

BERNARDO. Não se póde fallar serio comtigo!. Olha lá: seria eu imprudente em lhe pedir o *rendez-vous?*

JOÃO. És uma creança! És como todos os principiantes em amor. Cuidam vossês que é da tarifa devorarem em silencio, antes de se revelarem, as melhores phrases que tem para convencer! Grande contra-senso! Parecem-se com os caçadores novatos, que atiram á perdiz, quando ella vai muito longe do alcance do chumbo. Fia-te em mim, Bernardo: a mulher, que principia a amar, tem oito dias de

alienação. É approveitar-lh'os... Ahi vem o parvo do morgado com a serenata de hontem á noite.

BERNARDO. Não quero que me conheça. Escondamo-nos n'esta travessa. *(Sahem.)*

SCENA II

MORGADO, *um homem de realejo*, D. HERMENIGILDA, *depois, n'uma janella, e* PONCIA *n'outra*

MORGADO. *(Collocando o tocador em frente da janella de D. Hermenigilda.)* Toca uma moda bonita. Não sabes a Maria caxuxa?

TOCADOR. Caxuxa? mi saber Caxuxa?

MORGADO. Sim! *(Cantando:)*

Maria caxuxa,
Com quem dormes tu?

TOCADOR. Não sabe *caxuxa eu.*

MORGADO. E a Cana-verde? sabes? *(Canta:)*

A cana verde no mar;
A cana verde na arca.

Sabes isto?

TOCADOR. Cane? nó; cane?

MORGADO. Então que diabo sabes tu? Toca lá o que souberes.

(O homem toca qualquer coisa.—Assoma na janella Hermenigilda, e Poncia n'outra janella.

MORGADO. *(Que passeia radioso na scena.)* Gosta d'esta moda, priminha?

D. HERMENIGILDA. Elle não sabe tocar o....

MORGADO. *(Mandando parar o realejo para ouvir.)* Que diz, amor?

D. HERMENEGILDA. Elle não sabe tocar aquella moda: «Muito bem seja apparecido n'esta funcção?»

MORGADO. Rapaz! tu saber cantar este coisa *(Canta:)* «*Muito bem seja apparecido n'esta funcção. Bate as palmas c'o seu peixinho, c'o seu peixinho, su pechão.*»

TOCADOR. Peixon? no saper modas do peixon.

MORGADO. O bruto não sabe nada. Anda lá, vai tocando o que sabes.

(Continua o realejo.)

MORGADO. *(Com os seus botões.)* Eu sei como se levam as mulheres! Estes janotas d'agora não sabem vencer o coração das damas. Eu, com dois dedos de realejo, tenho feito mais que outros com muita papelada e palavriado. Agora é tempo de lhe fallar. *(Paga ao tocador.)* Vai-te embora; e ámanhã apparece á mesma hora.

PONCIA. *(Fechando a janella.)* Com bem passe a noite, sr^a^. D. Hermenigilda. *(Baixo.)* D'aqui a migalho venho aqui; preciso muito de lhe fallar p'ra negocio de muita aquella. Não se deite, não?

D. HERMENIGILDA. Pois, sim. Traga-me d'aquelles pasteis de hontem á noite, sim?

PONCIA. Já aqui os tenho. *(Alto.)* Boas noites, sr. Morgado.

MORGADO. Adeus, Poncia.

SCENA III

MORGADO *e* HERMENIGILDA

MORGADO. Amada Hermenigilda! O meu coração é vosso. Dizei-me se o vosso coração é meu.

D. HERMENIGILDA. Isso veremos. A gente, como diz lá o ditado, em quanto anda por este mundo, ninguem sabe para o que nasceu.

MORGADO. Se me tendes affecto, egual ao que vos tem meu coração, para ser minha esposa viestes ao mundo, meu adorado bem.

D. HERMENIGILDA. Antes que cazes olha o que fazes.

MORGADO. Isso é como diz; mas a minha pomba não topa marido que lhe queira tanto como eu.

D. HERMENIGILDA. Pois sim; mas o primo tem já muita idade; e eu estou muito rapariga.

MORGADO. Não sou tão velho como a senhora cuida. Se eu quizer meninas novas, tenho-as no Porto ás duzias. A apostar que a prima gosta mais d'estes salta-pocinhas que andam de luneta e bigode, sem uma de x na algibeira?..

D. HERMENIGILDA. Não se esteja a incazinar, primo. Eu não disse que gostava d'outro derriço.

MORGADO. Pois não disse, não; mas de mim, pelos modos, tambem não gosta lá grande coisa.

D. HERMENIGILDA. Está feito... podia ser menos; de cá se vai a lá; o que o meu coração sente, eu cá o sei.

MORGADO. *(Alegre.)* Ah! então a priminha estava a dizer isso p'ra me ouvir? *(Ouve-se ao longe a musica da esturdia.)*

D. HERMENIGILDA. Vem ahi uma festa?

MORGADO. São lá os meus rapazes de Fafe, que chegaram hoje p'rá romaria do S. Bartholomeu, e que nos vem tocar á porta.

D. HERMENIGILDA. Ai! que regalinho! Elles trarão cantadeiras?

MORGADO. E d'aquella casta! *(Bradando.)* É p'ráqui, rapaziada!

SCENA IV

A esturdia, composta do seguinte instrumental: duas violas, rebeca, clarinete, bombo, e ferrinhos. Grupo de quinze ou mais pessoas. As mulheres trajam capotilhos encarnados, sobre as saias de chita clara. Na cabeça lenços de cambraia, sobre outros escarlates, por baixo dos chapeos desabados; nos pés chinelas de differentes côres.

O GRUPO DOS ROMEIROS, MORGADO, *e* D. HERMENIGILDA, *e* PONCIA, *na janella*

VOZES. Viva o sr. Morgado, a mais sua noiva!

MORGADO. Viva Fafe, e a bella rapaziada! Isto é que é gente! *(Estão afinando os instrumentos.)* Ó Poncia! fazes favor de dizer lá ao estalajadeiro que ponha lá no pateo um cantaro de vinho para a rapaziada?

PONCIA. Cá vou dizer. *(Sahe e volta depois para a janella.)*

Rompe a musica com descante. A primeira copla é cantada por homem, a segunda por mulher, e as outras o mesmo interpoladamente com curtos intervalos.

CANTOR

E viva o Senhor Morgado
E mai la sua noiva querida;
Que é a fidalga da Amarante,
Por nome D. Hermenigilda.

CANTORA

D. Hermenigilda se chama
A fidalga d'Amarante
Que tem no peito o sr. Morgado
Que é o mais sensivel amante.

CANTOR

O mais sensivel amante,
Agora te vou responder
Aquillo é homem como se quer
Que nos vai dar de beber.

CANTORA

Que nos vai dar de beber,
Victo serio regalar,
Viva a sr.ª D. Hermenigilda
A mái l'o seu lindo par.

MORGADO. Obrigado, rapazes, obrigado! Vão vossês beber até lhe chegarem com o dedo.

VOZES. Viva o fidalgo! e a fidalga! viva! viva! *(Sahem.)*

MORGADO. Ó Manoel da Boiça! deixa-me cá ficar a tua viola.

MANOEL DA BOIÇA. *(Rindo alvarmente.)* Ora o fidalgo quer agora sacudir os dedos o seu todonada! *(Dá-lhe a viola e sahe.)*

MORGADO. Quero vêr se ainda me lembram as cantigas da minha mocidade!

SCENA V

O MORGADO, HERMENIGILDA, e PONCIA

MORGADO. *(Depois de arpejar com ridiculos esgares.)* Ó prima, olhe lá se gosta d'isto: *(Canta.)*

Althea, mimosa Althea,
Me maltractas com rigor;
E eu por ti ardendo sempre
Em vivas chammas d'amor!

PONCIA. *(Rindo.)* Ora, com effeito!... O amor deu-lhe volta á cabeça, ó sr. morgado!

MORGADO. Que dizes tu lá, ó serpente!

PONCIA. Serpente!... Olha o pelludo a chamar-me a mim serpente! Tenha juizo! Não sei,o que me parece um fidalgo da sua casta a cantar na rua! *(Fecha a janella com força.)*

SCENA VI

MORGADO *e* HERMENIGILDA

MORGADO. (*Arpejando outra vez.*) Quer que eu cante a modinha outra vez?

D. HERMENIGILDA. Agora não, que vou comer o caldo. Está o paisinho á espera. Adeus até ámanhã.

MORGADO. Pois então até ámanhã, Hermenigilda amada! Sonhe comigo, ó priminha.

D. HERMENIGILDA. Com bem passe a noute, primo. (*Sahe.*)

SCENA VII

MORGADO *e* BERNARDO *rebuçado cautelosamente, e parado na esquina fronteira*

MORGADO. Que encapotado é este?.. (*Avisinha-se.*) Olé!. que quer aqui?.. Falle, ou despejo-lhe um bacamarte no buxo!

BERNARDO. (*Sem mostrar o rosto.*) Póde passar que ninguem embarra comsigo. (*Ouvem-se nove horas.*)

MORGADO. Aqui ha coisa!... Já me não escapa... (*Sahe e esconde-se, ficando visivel á platéa.*)

SCENA VIII

BERNARDO *e* HERMENIGILDA

Bernardo vae postar-se sob a janella de Hermenigilda que a descerra cautelosamente.

BERNARDO. Sois vós?

HERMENIGILDA. Sou eu; mas estou a comer o caldo, e volto logo. (*Fecha a janella.*)

BERNARDO. Está a comer o caldo!.. Oh que monstro de innocencia bruta!... *(Sahe.)*

SCENA IX

MORGADO, *e depois* HEITOR

MORGADO. *(Furioso.)* É Bernardo! Agora é que eu dei n'ella! A mulher tem-me ingrampado! Por isso ella disse que eu sou velho!... Ferve-me a cabeça!.. Não sei se dê cabo d'elle!

HEITOR. *(Á janella espectorando uma tosse de valentão.)* Quem é que está ahi?

MORGADO. Sou eu, primo Heitor.

HEITOR. Ah! isso é outra coisa! Cuidei que a rapariga tinha estado a fallar com algum petimetre. Trago cá as minhas desconfianças...

MORGADO. Tu que desconfias, ó primo?

HEITOR. Anda-me aqui aquelle amigo do João Alvares...

MORGADO. Déste no vinte; é elle mesmo. Vi-o com estes.

HEITOR. Que viste tu?!

MORGADO. Depois fallaremos. Tu vais-te já deitar?

HEITOR. Não; ainda vou procurar um homem lá de riba que me traz o dinheiro de uns bois, e não sabe onde eu moro.

MORGADO. Então vamos ambos.

HEITOR. Sobe, e bebes uma pinga do maduro. *(Recolhem-se.)*

SCENA X

JOÃO, *e* D. VICENCIA, *e* PONCIA *mui recatada na janella, contemplando o terraço. Vem surgindo a lua.*

JOÃO. Anjo das noites formosas, confidente das estrel-

las, fada da minha vida, virás tu contar áquella lampada dos ceus o mysterio do teu amor? *(Apparece Vicencia no terraço, preludiando n'uma viola franceza, em attitude de inspirada.)* É ella! Como a natureza conspira toda a fazel-a mais linda!

D. VICENCIA. *(Cantando.)*

Meiga lua, que segrêdo
Sabes tu do meu amor?
Dás-me tu um anjo ledo
Dos que adoram teu fulgor?

Meiga lua,
Mãe do amor,
Desce um anjo
Á minha dor.

JOÃO. Seria uma barbaridade interrompê-la! Que magia! que paraizo terreal este!

PONCIA. *(A meia voz.)* Que toleima! que casa d'orates!

D. VICENCIA. *(Cantando.)*

(João faz apaixonados gestos em quanto ella canta)

Neste mar, que te retrata,
Quem me dera andar perdida!
La por entre ondas de prata
Voga a flor da minha vida.

Minha vida
É toda amores,
Toda sonhos,
Toda flores!

JOÃO. *(Sahindo da sombra.)* Não posso mais!... *(Alto.)* Ingrata será a meiga lua se vos não responder, ó inspirada cantora!

PONCIA. *(A' parte.)* Agora e que ellas vão ser!

D. VICENCIA. Quem me falla?

JOÃO. É João Alvares, a alma excruciada de João Alvares, que vos ama, senhora, que vos adora, archanjo, que se humilha perante a vossa soberania!

PONCIA. *(A' parte.)* Perdeu o siso o meu pobre menino! Nossa Senhora dos Remedios lhe accuda!

D. VICENCIA. Os meus amores não os tem a terra, senhor! Vago perdida como a ave que perdeu a memoria das suas florestas. O seu coração dê-o ás filhas das paixões mundanas, que eu, miserrima entre as mulheres, não espero encontrar alma que comprehenda a minha!

PONCIA. *(A' parte.)* Deixa que eu te vou botar agua na fervura! *(Alto.)* Ó sr.ª D. Vicencia, sr.ª D. Vicencia!

D. VICENCIA. Quem é?

PONCIA. É a Poncia. Faz favor de me dizer se a cabra ainda fica esta noite no quarto?

D. VICENCIA. Que vil prosa a d'esta mulher!

JOÃO. Sr.ª Poncia, recolha-se!

PONCIA. Não se faça desentendida, ouviu? Olhe que eu, se me não tira a cabra de cima da cabeça, acaba-se esta noite o mundo!

D. VICENCIA. Sr. João Alvares, a bestialidade de sua serva reflecte em v. s.ª *(Sahe.)*

SCENA XI

JOÃO *e* PONCIA

JOÃO. Vossemecê envergonha-me!

PONCIA. Venha deitar-se, que estão as papas promptas! Má mez p'ra mulher! Olha o demonio que havia de vir agora lá de cascos de rolha com a cabra e com a guitarra! Venha deitar-se, sr. João! Eu cá lhe vou arrefecer o caldo.

SCENA XII

JOÃO, MORGADO, *e* HEITOR

Os ultimos sahem da porta do hotel. João vae a retirar-se.

MORGADO. Elle ali está o Bernardo.

HEITOR. *(Lançando-lhe a mão.)* O' su amigo!

JOÃO. Que quer o senhor?

MORGADO. Ah! este é o João Alvares. Enganei-me.

HEITOR. Perdoará. Cuidei que era o seu amigo Bernardo. Diga lá a esse borra-botas que eu sou homem de lhe tirar a collada pelas costas, ouviu?

JOÃO. Ouvi perfeitamente, que o senhor tem um excellente pulmão.

HEITOR. Diga-lhe lá que se tornar a bolir com minha filha, mando-lhe quebrar o espinhaço.

JOÃO. Com que então o meu amigo Bernardo boliu-lhe com a filha? Forte marôto!

HEITOR. Vossê está a mangar comigo?

JOÃO. Deus me defenda! Eu estou protestando contra o tratante que desinquieta meninas. O direito paternal é o mais sagrado dos direitos.

MORGADO. Apoiado!

JOÃO. V. ex.ª tem carros de razão em quanto sustentar o decoro dos lares, e mantiver immaculada a prosapia illustrissima de que borbulhou.

HEITOR. *(Ao Morgado.)* Que diz elle?

MORGADO. *(Assentindo com gravidade.)* É aquillo que elle diz.

JOÃO. Mas, a fallar a verdade, eu não sei se v. ex.ª tem razões assaz fortes para tamanha zanga. O sugeito que namora sua filha é filho segundo de uma illustre casa de Celorico de Basto. Por *Gamas*, deve pertencer ao veneran-

do tronco do que dobrou o cabo tormentorio, segundo consta deJoão de Barros, Lucena, Camões, e da Historia genealogica da casa real. Por *Castros*, descende por bastardia de um irmão de Ignez de Castro, que veio casar a Celorico, e houve quatro filhos de D. Mecia da Gama, um dos quaes foi dom abbade de frades bentos, outro foi prior-mór de Christo, o terceiro morreu em Alkacer-Quibir, e o quarto morreu em cheiro de santidade, e está inteiro. Já vê v. ex.ª que o amante de sua filha não é qualquer borra-botas, como sua senhoria lhe chamou, no auge de sua paternal iracundia. O que o sr. Heitor deve indagar é se é honesto o intuito d'este amor; e caso seja, apressar o enlace matrimonial.

MORGADO. Tudo aquillo é pêta! e hade perdoar, sr. João. O senhor esteve ahi a improvisar. Qual filho de Ignez de Castro! Elle é lá d'essa familia! Cuida que eu não sei que o avô d'elle foi almocreve! Meu pai deu-lhe muitas cargas de presuntos para Lisboa.

JOÃO. Heide desmentil-o com as genealogias mais acreditadas, sr. morgado!

MORGADO. Bem me importa cá a mim as suas *geologias*, ou que deabo é.

HEITOR. Está arrumado! Diga-lhe o meu recado, e acabou-se a pendencia! Vamos ao homem dos bois que é tarde. *(Sahem.)*

SCENA XIII

JOÃO, *só*

JOÃO. Vou avisar Bernardo, que não vão estes brutos deslombal-o; mas onde o encontrarei eu? Talvez a jogar por conta do dote de Hermenigilda. *(Sahe.)*

PONCIA. *(A' janella.)* Então, sr. João, vem tomar o caldo?

JOÃO. Maldita sejas tu! *(Sahe com arremeço.)*

SCENA XIV

PONCIA *e* D. HERMENIGILDA

PONCIA. *(Batendo com o cabo da vassoira na janella de D Hermenigilda.)* O' menina, ó fidalguinha!

D. HERMENIGILDA. Estava aqui á espera de vossemecê.

PONCIA. *(Passando-lhe um lenço atado na ponta do cabo.)* Tome lá uma duzia dos pasteis de Santa Clara.

D. HERMENIGILDA. *(Comendo um.)* Bem haja! sabem que é um regalinho!

PONCIA. Pois coma, coma, minha querida menina. Olhe lá: sempre está na idéa de casar com seu primo morgado?

D. HERMENIGILDA. *(Com a bocca cheia.)* A'gora estou! O berzabum é que anda atraz de mim, que tem coisa má!

PONCIA. Mal empregada senhora nas unhas d'aquelle brutamontes! A menina, se quizer casar com rapazes novos, e civilisados não lhe hão de faltar!

D. HERMENIGILDA. Pois isso é o que eu quero.

PONCIA. A sr.ª D. Hermenigilda gosta bem sei eu de quem...

D. HERMENIGILDA. Vá a vêr se adivinhou.

PONCIA. *(Com tristeza.)* Nem lh'o quero dizer!.. Se soubesse que extravagante elle é!..

D. HERMENIGILDA. O Bernardo?

PONCIA. Sim, meu anginho do ceo; o Bernardo tem perdido quanto tem a jogar. Por mais que meu amo o tenha querido tirar do vicio, não se emenda. Ai! o meu amo! isso é que é um rapaz de mão cheia. Se houver de casar, minha fidalga, escolha um marido como o sr. Joãosinho. Andam todas as mulheres atraz d'elle, e elle não tenha medo. Não quer nenhuma nem que lh'a pezem a oiro. Ainda hontem eu lhe disse: ó sr. Joãosinho, se v. s.ª encon-

trasse uma menina como a fidalga da Amarante!!.—Com essa casava eu—disse elle logo... Coma outro pastel, minha menina.

D. HERMENIGILDA. *(Comendo.)* Elles são tão bons!

PONCIA. E a fidalga casava com o sr. Joãosinho, se acontecesse... sim... se, como diz lá o outro...

D. HERMENIGILDA. Eu não se me dava, se o paesinho deixasse...

PONCIA. Pois olhe, minha senhora, não se despeça de casar com elle... A gente quando quer deveras tudo se faz... Ahi vem gente...

D. HERMENIGILDA. Então vou-me embora; não vá ser o paesinho.

PONCIA. Até ámanhã... pense muito no sr. Joãosinho, sim?

D. HERMENIGILDA. Faça-lhe visitas da minha parte. *(Sahem das janellas.)*

SCENA XV

BERNARDO *e* D. HERMENIGILDA

Quando Bernardo está atirando pedrinhas á vidraça de Hermenigilda passa o Morgado escoando-se ao longo da parede do terraço, e fica espreitando.

BERNARDO. *(A Hermenigilda.)* E tal o prazer que me enche o coração, que não posso exprimir-vos quanto por vós sinto, desde o ditoso instante em que vêr-vos e adorar-vos foi obra de um momento. O sentimento que meu terno peito nutre por vós, acaso ao vosso terá passado?

D. HERMENIGILDA Eu passei bem, e o senhor?

BERNARDO. Como passará bem do corpo quem arde em vivas chammas d'amor?

D. HERMENIGILDA. O senhor tambem sabe cantar a modinha das *vivas chammas de amor?*

BERNARDO. Nada, não sei.

D. HERMENIGILDA. O primo morgado de Fafe canta que é um regalinho ouvil-o esta moda: *(Recita:—Gesto de contentamento do Morgado.)*

Althea, mimosa Althea,
Me mal-tratas com rigor,
E eu por ti ardendo sempre,
Em vivas chammas d'amor.

O senhor não sabia este soneto?

BERNARDO. Não fallemos das cantigas do Morgado que é um bruto. *(Gesto de raiva do Morgado, que sahe.)* O que me importa saber é se tendes um affecto egual ao meu.

D. HERMENIGILDA. Isso lá, é consoante. Meu paesinho o dirá.

BERNARDO. Pois vosso pai é que vos manda amar?

D. HERMENIGILDA. O que elle diz é o que se faz. Casamentos não me faltam. Tem-me pedido muitos morgados, e elle diz que não.

BERNARDO. Mas eu não pergunto se quereis casar comigo.

D. HERMENIGILDA. Que quer então o Senhor?

BERNARDO. Quero casar comvosco; mas primeiro devo experimentar o vosso coração. Quero ser amado antes de ser vosso marido. Que sentís por mim?

D. HERMENIGILDA. Sinto muito bem.

BERNARDO. A minha carta que impressão vos fez?

D. HERMENIGILDA. Fez-me muita. Está muito bonita. Parece mesmo que é coisa de livros de historias. Tenho lá na Amarante um livro chamado os *Contos do Trancoso*, e outro chamado as *Aventuras* de Theofilos ou Theofanos, ou uma palavra assim, que trazem muitos palavriados como a vossa carta.

BERNARDO. *(Comsigo.)* Que prodigio de estupidez! *(Alto.)* Vejo que me não amais!...

SCENA XVI

OS MESMOS, *e o* MORGADO *com o quer que seja debaixo do capote de quartos*

BERNARDO. Vejo que me não amais! O vosso coração é do Morgado de Fafe!

D. HERMENIGILDA. Pois não fôste!...

BERNARDO. Faltava-me ser vencido por um rival tão bruto!

O Morgado sahe da esquina onde está encuberto. Arranca de sob o capote um varapáo, e cinge-se com a parede em atitude de valentão de arraial, escarrando grosso, a espaços.

D. HERMENIGILDA. *(Assustada.)* Fuja que é o primo morgado de Fafe, fuja.

BERNARDO. *(Tirando um par de pistolas.)* Eu não sou homem que fuja! Quem é que está ahi a grunhir?

MORGADO. Faça o acto de contrição, que vossê está ahi está na cova. Vai levar tapona de crear bicho! *(Bernardo engatilha.)* Ah! vossê traz pistolas?! Então o caso muda de figura. *(Tira do bolço interior do capote um bacamarte.)*

D. HERMENIGILDA. *(Sahindo da janella.)* Ai Jesus!

SCENA XVII

OS MESMOS *e* JOÃO

JOÃO. Isto que vem a ser?

MORGADO. Um de nós hade lavrar o chão com os focinhos. Arrede-se lá sôr João, que eu quero matar o casaquinha!

JOÃO. Com que direito? o senhor quer matar um homem por que elle é amado d'uma mulher, infiel ao sr. morgado? Por ventura tem aquelle homem alguma obrigação de ser mais digno que a mulher que atraiçôa o morgado?

MORGADO. Homem! vossê a modo que tem razão. Ella é

que merecia um bom par de cachações. (*A Bernardo.*) Vá com Deus, homem!

JOÃO. Seja sempre assim, discreto. A valentia imprudente é a furia d'um louco. (*Sahe, com Bernardo.*)

SCENA XVIII

MORGADO, *e depois* D. VICENCIA *no terraço*

MORGADO. Que heide eu agora fazer? Como heide eu vingar-me da traidora, que parecia mesmo uma lesma!

D. VICENCIA. (*No terraço.*) Ainda bem que todos estes alarves dormem! Agora poderei, a sós com a natureza, expandir a minha alma. (*Preludia no violão e canta fitando a lua:*)

(*O morgado encosta a clavina e o páo ao muro do terraço, e vai contemplar do centro.*)

Quando em ti meus olhos pasmo
Doce rainha dos ceus,
Sinto ardente enthusiasmo
Do porvir rasgando os veus.

Vejo um anjo
Todo amor,
Que, a sorrir,
Me diz: «ó flôr!»

MORGADO. (*Batendo as palmas.*) Muito bem, bravo, parece um roixinhol!

D. VICENCIA. Que gritaria! Quem faz tanta algazarra?

MORGADO. Sou eu, D. Vicencia, sou eu, que dou cavaco pelo que é bom. Eu corto as orelhas se na opera das comedias de S. Carlos na capital ha quem cante como a senhora. Faz favor de tornar a cantar isso?

D. VICENCIA. Ora deixe-me, sr. morgado! Vou recolher-me.

MORGADO. Ó minha senhora, faça favor; eu não sei dizer melhor as cousas, se não dizia: Por quem é, cante mais um migalho que me enche o coração de prazer.

D. VICENCIA. Por obediencia canto. *(Repete.)*

(O morgado mostra-se vivamente enthusiasmado. Tira do dedo um brilhante, e embrulha-o no sobrescripto de uma carta. Vê-se João embuçado na esquina fronteira.)

MORGADO. Ó sr.ª D. Vicencia! A senhora ha de perdoar o meu atrevimento. *(Atira-lhe o embrulho.)*

D. VICENCIA. *(Apanhando.)* Isto que é? um annel com brilhante? *(João apparece na janella do primeiro andar e Poncia logo na do segundo.)*

MORGADO. Custou-me quarenta libras e uns pósinhos. É uma memoria d'estes ditosos instantes que a senhora me deu. Eu estava triste como a noite; tinha cá dentro o demonio a trabalhar comigo, e desde que ouvi a menina, foi como se estivesse a arder, e me atirassem uma caldeira de agua fresca pela cabeça abaixo. Fiquei consolado!

D. VICENCIA. Mas eu não devo acceitar este annel por modo nenhum.

MORGADO. Oh senhora, não me faça uma desfeita... Faça de conta que o recebeu da mão de um noivo.

D. VICENCIA. De um noivo! isso tem mais que se lhe diga.

MORGADO. Isto é um modo de fallar... Eu bem sei que a senhora se não penteia para mim; mas pr'amigo sirvo como os que servem.

D. VICENCIA. Guardarei o annel como lembrança de um sincero amigo...

MORGADO. Pois guarde, guarde, e o resto quem viver o verá.

D. VICENCIA. O resto?!

MORGADO. Isto é um modo de fallar.... *(João e Poncia soltam uma gargalhada.)* Vossês que estão ahi a rir?

PONCIA. *(Debruçando-se para vêr o terraço.)* A mulher terá fadario de gata, que anda a miar pelos telhados? *Biche, biche, biche, farruca?*

(Outra risada de João. — O Morgado braceja furioso.)

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

A decoração do primeiro acto

SCENA I

D. VICENCIA, *com a cabrinha*

Entra um criado, que lhe entrega uma carta, e sahe.

D. VICENCIA. *(Abrindo a carta.)* É do procurador. *(Lendo.)* «Com o maior desgosto participo a v. ex.ª que a sua demanda foi hontem decidida na relação, e v. ex.ª foi *(grande sobresalto)* victima da mais manifesta iniquidade. Deram como nullo o testamento de seu marido A lei apenas concede a v. ex.ª o usofructo dos bens livres, que segundo creio, pouco valem!» *(Cahe prostrada na cadeira.)* Estou pobre!... Estão vingados os meus inimigos! Venceu a estupidez! *(Enchuga as lagrimas, e continua a leitura:)* Se v. ex.ª permitte que eu lhe dê um conselho, ouso lembrar-lhe que o mais conveniente passo que tem a dar é entrar n'um convento, onde póde viver com pouco em modesta obscuridade!» *(Amachuca na mão a carta.)* Não! convento, não! Nasci para a luz! *(Ergue-se de golpe.)* Quero a luz! quero a liberdade! Hei de achar um canto do mundo debaixo do sol!

SCENA II

D. VICENCIA *e* O MORGADO

O morgado traz um cabrito preso com uma fita.

MORGADO. *(Muito meigo.)* O coração amante apanha as inclinações do coração amado. Deu-me tambem na venêta de ter um cabritinho, minha rica senhora. Olhe como elle é bonito! E a cabrinha parece que está contente de o vêr! O meu cabritinho tambem quer ter um nome. v. ex.ª ha de ser a madrinha. Ora diga lá como se ha de chamar o meu bicho?

D. VICENCIA. *(Meditativa.)* Encontra-me afflicta, sr. morgado!

MORGADO. A cabra está doentinha? não me parece!.. Então que tem? Dar-se-ha caso que estes pelintras de Cabeceiras de Basto lhe fizessem alguma? Eu estou aqui para os trazer pelas orêlhas á sua presença.

D. VICENCIA. Não, senhor, ninguem me offendeu. São negocios de familia.

MORGADO. A senhora não esteja zangada lá pelo que disse a Poncia. Aquillo é uma azemola que não póde vêr que eu vos ame, e que vós me ameis, porque o amo d'ella amava a vós. Forte pateta! Metteu-se-lhe no toitiço que vós podieis amar a elle! Pedaço de...

D. VICENCIA. Coitado! Parece-me um moço delicado o tal João Alvares!

MORGADO. Ora adeus! Aquillo é um pandilha! Tem botado a perder muita cachopa, e mulher de juizo nenhuma lhe dá trela. Depois, o que elle tem não vale oito centos mil réis. Lá esperto é elle, segundo diz o meu irmão frade; mas isto de esperteza cá p'ró arranjo do almoço, jantar e ceia, acho que é malhar em ferro frio. Olhe que eu

mal sei escrever o meu nome; mas não sou asno. Quem ama tem o ôlho muito fino. Já dei fé da senhora gostar d'elle, e a fallar-lhe a verdade, senti cá por dentro uns... uns... sim... uns, assim a modo de calafrios na espinha. *(Com vehemencia.)* Em fim, o que ha de dizer-se ao tarde, diga-se ao cedo... eu tenho-lhe amor de raiz! *(Ajoelha aos pés de Vicencia.)*

D. VICENCIA. Sr. morgado! eu estou pasmada!... Queira erguer-se! *(Dá-lhe a mão, que elle beija, e aperta-lhe uma pulseira rica no braço.)* Que é isto? que faz?

MORGADO. Perdoai o meu atrevimento! É o coração que me obriga a estas asneiras! A paixão é cega. Chegou a minha hora de morrer de amor! Se não quereis amar-me, sêde minha amiga, perdoai os meus atrevidos atrevimentos! O coração arrebenta-me d'amor! Oh ceus! não sei que digo.

D. VICENCIA. Tranquillise-se, sr. morgado! Reconheço a nobreza de suas intenções, e não posso senão louval-as. Acho-o digno da minha estima. O meu coração é grato.

MORGADO. *(Ajoelhando de novo.)* Ó Vicencia amada, sêde minha esposa!..

SCENA III

OS MESMOS, *e* JOÃO

João contempla o grupo. O morgado, ao vêl-o, ergue-se

JOÃO. *(Entre ironico e pasmado.)* Dar-se-ha caso que Jupiter se convertesse em boi para arrebatar a formosa Europa!

MORGADO. Vossê chama me boi, ó sôr João!?

JOÃO. Pergunte á sr.ª D. Vicencia a explicação d'esta poetica imagem. S. ex.ª, como entendida em altas philosophias do amor, póde dizer-lhe quando é que fica bem a um deus do Olympo methamorphosear-se em boi. *(Contempla o ca-*

grito.) Temos cabritinho! Era justo que Paulo e Virginia se fizessem pastores! *(Ri ás gargalhadas.)* Com effeito! O ridiculo está tomando umas proporções assustadoras!

D. VICENCIA. Eu é que me não presto voluntariamente ao ridiculo, senhor!

MORGADO. *(A D. Vicencia.)* Elle disse-lhe alguma?

D. VICENCIA. Devo-lhe contas das minhas acções, sr. João?

MORGADO. E eu tambem devo-lhe conta das minhas?

JOÃO. Devem contas á sociedade; porque a sociedade é o juizo inexoravel dos ridiculos de cada individuo da sociedade.

MORGADO. Homem, guarde lá o palavriado p'ras gazetas, e não se faça menino bonito, ouviu? Esta senhora deve-lhe alguma cousa?

JOÃO. Esta senhora deve-me o que deve ao mundo: a explicação da sua irrisoria inclinação!

MORGADO. Vossemecê quer policia, sr. João!

JOÃO. Não me ameace, Morgado. Olhe que eu contra a força bruta do pulso tenho um *rewolver!*

D. VICENCIA. Sempre desejo saber o que o senhor quer de mim!

JOÃO. *(Riso sarcastico, postura solemne.)* Aqui está o que são as mulheres romanticas! As mulheres que acham poesia na cabrinha branca! As mulheres que remedam a Esmeralda de Victor Hugo! As mulheres que, alta noite, sobem aos terraços a descantar trovas á lua. As mulheres que erram na face da terra buscando coração de anjo que as comprehenda! As mulheres romanticas são isto! Depois de chorarem oito dias e oito noites, com saudades de um serafim que o ceo lhes nega, acertam de encontrar o Morgado de Fafe e apaixonam-se d'elle! N'isto se resolveu o amor da cabra, o amor da lua, e o amor do anjo! Oh! miseria, vilipendio, e exemplo atroz a futuros amadores de mulheres romanticas!

D. VICENCIA. Desprezo os seus sarcasmos da altura da minha dignidade!

MORGADO. Tambem eu! E calle-me o bico, que eu boto-me a perder! Vossê importa-lhe que a sr.ª D. Vicencia seja minha esposa?

JOÃO. *(Trovejando.)* Importa-me desmascarar hypocritas diante d'um publico respeitavel!

MORGADO. Vossê não me grite, homem!

SCENA IV

OS MESMOS *e* PONCIA

PONCIA. Que gritaria é esta? O sr. Joãosinho está tão amarello!. Que tem?

JOÃO. Deixe-me!

PONCIA. *(Ao Morgado.)* Que foi isto? O senhor fez-lhe alguma! Desembuche, ande!

MORGADO. Não lhe fiz nada. Elle é que está ahi a botar pela aquella bocca fóra quanto lhe lembra. Não queria que eu estivesse a conversar com a sr.ª D. Vicencia. Vossê já viu um lorpa d'esta casta?

PONCIA. Lorpa será elle! Olha o inxuvèdo que vem cá chamar lorpa a ũm homem que tem estudos. *(A João.)* E o menino que se lhe importa que elle converse com ella? Lé com lé, e cré com cré! Venha d'ahi, sr. João!

D. VICENCIA. Eu retiro-me! não sirvo para estas scenas vergonhosas!

JOÃO. *(Ironico.)* A senhora a fallar em vergonha tem graça!.. Espere! que ha de ouvir-me! *(Colloca-se-lhe á frente, e ella recua para o Morgado, que lhe toma a vanguarda.)*

MORGADO. Olhe que eu passo a vias de facto, ó su atrevido!

PONCIA. *(Agarrada ás abas do chambre de João.)* Não se bote a perder, sr. Joãosinho! *(Pucha-o para o lado esquerdo da scena, em quanto Vicencia faz o mesmo ao Morgado.)*

MORGADO. *(Arremettendo-o.)* Espatifo-o! quero trincar-lhe os figados!

JOÃO. *(O mesmo.)* Quero ensinar um bruto! deixe-me tosquiar este camêlo!

As seguintes coplas são cantadas, e ajustadas á musica do quartéto do 3.º acto d'I duo Foscari. Cumpre que os actores, arremedem os tregeitos furiosos dos cantores n'aquelle quartéto.

MORGADO *SÓ*

Não te faças fino,
Que eu bem sei quem és,
Hei-te pespegar-te
Quatro pontapés.

D. VICENCIA *SÓ*

Deixemos o parvo,
Que não tem pataco;
Vem, meu Antoninho,
Não lhe dês cavaco.

MORGADO *SÓ*

Ai! que eu vou-te ás ventas
Sem dó nem clemencia,
Se tu me namoras
A minha Vicencia.

JOÃO *SÓ*

És quadrado zote,
És bruto indecente,
Digno da Vicencia,
Vergonha da gente.

PONCIA *SÓ*

Deixemos a tola
Que falla co'a lua;
Venha, Joãosinho;
Mande-os á tabua!

JOÃO *SÓ*

A mim faz-me nojo
Essa tal Vicencia
Que te está vendendo
A vil consciencia.

TODOS

Que vão bugiar
Não digas mais nada
Não demos cavaco
A tal canalhada.

Repete

SCENA V

OS MESMOS, *e quatro sujeitos*

Que sahem dos quartos lateraes embrulhados em cobertores com barretes de dormir. Entram a passo grave.

UM SUJEITO. Que infernal bulha é esta! São dez horas da manhã. Estamos no primeiro somno. E ha uns alarves que vem gritar aqui sem respeito ao repouso dos seus visinhos!

MORGADO. Os senhores não tem vergonha de virem assim diante d'esta senhora? *(Indicando Vicencia.)*

PONCIA. *(Indicando-se a si.)* E d'esta?

MORGADO. Vão-se vestir! Tragam um casaco, se não quizerem levar uma casaca! Recolham-se, senão vou dar parte ao regedor! Apparecerem assim diante d'uma menina!

PONCIA. *(Tapando o rosto com o avental.)* Isso é verdade!

UM DOS SUJEITOS. Respeitemos o pudor do bello sexo.

TODOS. Respeitemos. *(Sahem.)*

D. VICENCIA. *(Apertando a mão ao Morgado.)* Morgado! para a vida, e para a morte! *(Sahe.)*

MORGADO. Qual morte nem meia morte! Agora é que nós vamos viver. *(Sahe e volta á scena.)* Ó su amigo, agora, se quer alguma coisa, é cá para fóra! Venha d'ahi, se é homem! *(João quer sahir. Poncia agarra-o.)*

PONCIA. *(Ao Morgado)* Eu se vou buscar o cabo da bassoira!...

MORGADO. Pois vai, minha giboia!

PONCIA. *(Ainda retendo João.)* Ah! grande bruto!.. *(O morgado sahe.)*

SCENA VI

JOÃO *e* PONCIA

PONCIA. Menino, eu estava a vêr se a sr.ª D. Hermenigilda dava fé d'esta desordem por causa da Vicencia!

JOÃO. E que tinha isso? que me importa a mim a Hermenigilda?

PONCIA. O senhor está a lêr! Então não sabe que, se Deus e S. Gonçalo d'Amarante nos ajudar, o menino está aqui, e está rico a não saber o que tem de seu?

JOÃO. Não entendo! Como é isso, tia Poncia?

PONCIA. Calle-se, calle-se, que já tenho esperanças de morrer contente, deixando-o nos braços de sua mulher, com uma casa farta e cheia de tudo. Hermenigilda é sua mulher, ou eu não sou Poncia do Rozario.

JOÃO. Que está a dizer, mulher?! Pois não sabe que Hermenigilda namora o meu amigo Bernardo de Castro?

PONCIA. Isso está desmanchado! Máu foi eu metter-me n'isto!.. Tanto se lhe dá ella do Bernardo como do Morgado. O que ella quer é casar com o sr. Joãosinho.

JOÃO. Mas eu é que não sou capaz de atraiçoar o meu amigo. A minha principal riqueza é a honra. E de mais d'isso, Hermenigilda é muito estupida.

PONCIA. É estupida? As espertas é que são boas, não são? Olhe lá no que deu a esperteza da Vicencia! Aquella é que lhe servia, sim? Ora, sr. Joãosinho! sempre lhe digo que essa sua cabeça é uma abobora! Levou uma lição d'aquella casta, e não apprendeu nada! Pelos modos, o menino vai vêr se encontra outra fiducia que tenha uma cabra, e que ande pelos telhados a botar versos aos planetas! Valha-o Deus, que está cada vez mais tonto! Sr. João, tome o meu conselho: mulher para o arranjo da vida como a D. Her-

menigilda, más maleitas me apanhem, se o senhor topar outra. Não quer? O senhor torcerá as orelhas. A culpa tenho-a eu de andar mettida n'estas balburdias. Que hei de eu agora dizer á pobre menina? De mais a mais fiquei de arranjar com que o sr. Joãosinho lhe fallasse hoje para se declararem um ao outro, e vai agora...

JOÃO. Ó mulher, vossemecê é mentecapta! Pois cuida que, ainda mesmo que eu quizesse casar com Hermenigilda, o pae m'a dava?

PONCIA. Isso deixe-o por minha conta; eu arranjarei tudo.

JOÃO. De que modo? explique-se.

PONCIA. Não tenho tempo agora. Quer ou não quer?

JOÃO. Eu não sei que faça!.. Vossê está a tentar-me, Poncia! Sinto que se está torcendo a minha vocação! Isto é um phenomeno! Por ventura, estarei eu tambem corrompido! A indignidade do coração humano será contagiosa?!

PONCIA. O senhor está ahi a prégar? isto é páo-páo, pedra-pedra. Vou buscal-a?

JOÃO. Buscar o que?

PONCIA. A noiva.

JOÃO. Em fim!...

PONCIA. Demore-se um migalho... Oh! com a breca!.. Ahi vem o Bernardo. Imponte-o depressa!... *(Sahe.)*

SCENA VII

JOÃO *e* BERNARDO

BERNARDO. Ó João, podes emprestar-me duas libras até me chegar dinheiro de casa?

JOÃO. Donde vens tu, que te não vejo ha dois dias?

BERNARDO. Da espelunca. Lá comi e dormi e larguei as ultimas reliquias de vinte libras.

JOÃO. E a respeito de Hermenigilda?

BERNARDO. Nem mais me lembrou a parva creatura! Aquillo não me serve, porque ha de ser difficil de mover o quadrupede paternal! Mas em quanto a ella, fazes lá idéa da selvagem que ali está! Cada palavra que diz são tres asneiras das que gelam o mais vulcanico amor! Deixa-a ir p'ro morgado, que vai para onde a destinou a natureza.

JOÃO. Decididamente não queres mais nada da Hermenigilda?

BERNARDO. Queria-lhe o chapeo que ella trouxe da Amarante para me embarcar n'elle para a California, em perdendo a ultima geira do patrimonio! Dá cá as duas libras, que me foge o palpite.

JOÃO. Faz-te desarranjo vir buscal-as logo? A Poncia é que tem o dinheiro; e, se eu lh'o vou pedir agora, a mulher sabe que é para ires jogar, e não m'o dá.

BERNARDO. Então volto logo. Vou á praia vêr uma Felizarda de Athei que é menos boçal que Hermenigilda, e não é menos rica. Até depois. *(Sahe.)*

SCENA VIII

JOÃO, PONCIA, *e depois* HERMENIGILDA

PONCIA. *(Espreitando.)* Já sahiu?

JOÃO. Já *(Poncia retrocede.)* Agora já a minha dignidade não soffre.

PONCIA. *(Para fóra.)* Venha, menina; não tenha vergonha.

JOÃO. *(Indo receber Hermenigilda.)* Minha senhora, acabo de receber a agradavel noticia de que v. ex.ª me ama, e deseja ser minha esposa. Eu não me atrevia a mostrar-lhe o egual desejo, que me domina, desde que tive a dita de a vêr; mas agora, visto que os nossos corações se encon-

traram, saiba v. ex.ª que eu a amo com todas as veras da minha alma.

D. HERMENIGILDA. *(Com muito pudor.)* Tambem eu.

PONCIA. Conversem, conversem que eu vou aqui p'ra janella espreitar que não venha o paesinho. *(Vai debruçar-se na janella.)*

JOÃO. *(Dando-lhe uma cadeira.)* Queira sentar-se, meu amor.

D. HERMENIGILDA. Estou bem de pé; é p'ra crescer.

JOÃO. Então, por quem é, sente-se, minha querida menina. *(Sentam-se ambos aproximados.)* Está, pois, resolvida a ser minha esposa? *(Toma-lhe uma mão com meiguice, e ella retrahe a mão com enfado.)*

D. HERMENIGILDA. Não vale bolir-me nas mãos.

JOÃO. Ó minha senhora, peço-lhe que não se offenda de uma acção tão innocente. Cuidei que o anjo que ha de ser minha esposa me consentiria que eu lhe beijasse a mão, que brevemente ha de ser minha.

D. HERMENIGILDA. Quando fôr sua, então a beijará.

JOÃO. Pois sim, minha querida. Respeito as suas vontades todas. Ora diga-me *(Á parte.)* Cego seja eu, se sei o que lhe hei de dizer! Ora diga-me... Tem realmente vontade de ser minha esposa?

D. HERMENIGILDA. Pois eu!... se o paesinho deixar...

JOÃO. E havemos de ser muito venturosos, muito amiguinhos... *(Vai a tocar-lhe a mão, que ella retira.)*

D. HERMENIGILDA. Não bula.

JOÃO. Perdão, minha adorada; o amor faz-me imprudente... Deixe-me dizer-lhe: essa sua repugnancia em se deixar acariciar, faz-me suppôr que me não ama.

D. HERMENIGILDA. A gente póde amar sem estar a bolir nas mãos.

JOÃO. Diz bem, minha cara menina. A virtude é assim; e eu tão raras vezes tenho encontrado a virtude, que sinto

vontade de lhe dobrar o joelho! Se me concedesse ao menos que eu a adorasse... *(Ajoelha.)*

D. HERMENIGILDA. Eu não sou sancta nenhuma. Isso de que serve?..

JOÃO. Por que não me hade permittir que eu lhe beije a mão?

PONCIA. *(Para fóra.)* Deixe-lhe beijar a mão, menina; todas as noivas deixam beijar as mãos a seus maridos.

D. HERMENIGILDA. Pois então ahi tem.

(Quando João lhe está beijando a mão, surge Vicencia á porta do seu quarto, e solta uma gargalhada. Erguem-se.)

SCENA IX

OS MESMOS *e* D. VICENCIA

D. VICENCIA. *(Ironica.)* Aqui está o que são os homens romanticos! Os folhetinistas ideaes de Guimarães! As almas excruciadas que se humilham aos archanjos! Estes poetas, quando encontram a Hermenigilda da Amarante apaixonam-se d'ella, e mandam o seu estylo e as suas satyras aos estupidos de presente aos tolos! Oh! miseria! vilipendio! e exemplo atroz a futuras namoradas de homens romanticos! *(Entra e fecha a porta com força).*

SCENA X

JOÃO, PONCIA *e* D. HERMENIGILDA

PONCIA. Ouviu, ó sua bisbilhoteira?

D. HERMENIGILDA. Ella que esteve a dizer?

PONCIA. É que endoudeceu a pateta da mulher! Não faça caso.

D. HERMENIGILDA. Ah! ella está doidinha?

JOÃO. Penso que sim, minha querida.

PONCIA. *(Agitada,)* Ahi vem o sr. Heitor. Vão-se embora, que eu fico a esperal-o aqui. *(Sahem.)*

SCENA XI

PONCIA, *e depois* HEITOR

PONCIA. Agora é que eu me vou vêr em apêrtos! Meu S. Gonçalo d'Amarante, não me desampares. *(Entra Heitor.)* Deus lhe dê muito bom dia, sr. Heitor.

HEITOR. *(Sem reparar n'ella, atravessando.)* Viva.

PONCIA. Leva muita pressa?

HEITOR. Vossê que tem com isso?

PONCIA. Queria-lhe uma palavra em particular.

HEITOR. Então que temos?

PONCIA. Faz favor de se sentar, que é negocio de costa arriba.

HEITOR. Negocio?! eu não tenho negocios com vossê.

PONCIA. É negocio de familia.

HEITOR. Que tem vossê que dizer á honra da minha caza?

PONCIA. Bemdito seja o Senhor! não tenho que dizer senão bem.

HEITOR. Então, bote cá fóra o que tem no bucho.

PONCIA. Lá vamos, lá vamos; mas faça favor de sentar-se, que eu, se dá licença, tambem me sento.

HEITOR. *(Sentando-se)* Vamos a isso.

PONCIA. V. ex.ª, fidalgo, é um pai como ha poucos, e quer que sua filha tenha bons creditos.

HEITOR. E a minha filha tem máos creditos?

PONCIA. Não tem, graças ao Altissimo; mas é bom casal-a para que as más linguas lhe não peguem a sujar a virtude.

HEITOR. Quem é que suja a virtude de minha filha? é o Bernardo? esse patife do jogador?

PONCIA. Quem é que falla no Bernardo! Olha quem! Se a sua menina dava cavaco ao engrimanço! A sr.ª D. Hermenigilda tem muito juizo, e sabe o que lhe convem. O marido que ella quer é outro, que só eu sei o que vale.

HEITOR. Então quem é? Pois a rapariga escolheu marido?

PONCIA. Foi o seu anjo da guarda que lh'o escolheu. Erga as mãos a Deus, fidalgo! que genro assim não topa o senhor outro!

HEITOR. Como se chama?

PONCIA. Sou Poncia do Rosario para o servir.

HEITOR. Não digo vossê, é elle.

PONCIA. Ah! o namorado da senhora sua filha? É meu amo.

HEITOR. *(Erguendo-se.)* Quem? o João Alvares de Freixêdo?! Vossê acho que bebeu de mais ao almôço, ó mulher!

PONCIA. Agora bebi; estou muito no meu juizo.

HEITOR. Pois seu amo, que não tem coisa que valha duas juntas de bois, e que é um trocatintas, atreveu-se a olhar p'ra minha filha?

PONCIA. Sr. Heitor, meu amo não é troca tintas, e tem uma casa que lhe dá pr'a comer e beber á farta. O fidalgo está enganado com elle. Em quanto a sangue olhe que é do melhor de Cabeceiras de Basto, e, se não é rico, tambem não pede nada a ninguem.

HEITOR. Não me conte lérias. Não quero, não quero, não quero similhante genro!

PONCIA. Pois não queira, sr. Heitor; mas olhe bem o que eu lhe digo... Sua filha está ali está acolá nas ondas do mar.

HEITOR. Que diz vossê?

PONCIA. Chegue cá a orelha. *(Heitor chega-lhe o ouvido, e escuta alguma coisa que o faz saltar.)*

HEITOR. Vossê está a mentir, mulher!

PONCIA. Oxalá que mentisse!...

HEITOR. *(Furioso.)* Eu vou matar seu amo!

PONCIA. Sr. Heitor, venha cá, não metta a sua alma no inferno. Olhe que a vida são dois dias. Se o mata a elle, mata sua filha, mata-me a mim, mata-se a si, morremos todos Oiça o que lhe diz esta velha, que tem visto muita coisa. Deixe casar sua filha, que tapa as boccas do mundo. Olhe que ella bota-se a afogar, em sabendo que v. ex.ª sabe da sua desgraça. Lembre-se que aquelle anginho de perfeição não se fez para o comerem os peixes. Em bom panno cahe uma nodoa, e o casamento é a melhor barrela d'estas nodoas. D'aqui a pouco, o fidalgo ha de ser tão amigo do seu genro e dos seus nétinhos que inda me ha de dizer: «Ó Poncia, tu fostes um anjo que me appareceste!» Sr. Heitor, lembre-se que está c'os pés na cova, e que sua filha não lhe fecha os olhos, se v. ex.ª a não deixa casar.

HEITOR. *(Bufando afflicto.)* Isto é de dar cabo de um homem!..

PONCIA. *(Muito meiga.)* Sr. Heitor! Tenha paciencia, que tudo se remedeia com o casamento. O sr. Joãosinho inda hade vir a ser um grande homem! Olhe que elle já serviu tres annos de juiz ordinario em Cabeceiras de Basto, e falla-se em que vai para deputado, e elle já disse que, em sendo deputado, não volta á terra sem vir commendador ou barão! Sr. Heitor, tenha alma! dê o *sim* a sua filha, e veja as minhas lagrimas!

HEITOR. *(Comsigo.)* Que hei de eu fazer-lhe!.. Não tenho senão aquella!.. Maldita hora em que vim á Foz!..

PONCIA. Não diga isso que é peccado. Isto já assim veio talhado lá de cima, fidalgo. Vou dar-lhe a boa nova? vou?...

HEITOR. Não lhe diga nada; vá-se embora; deixe-me pensar.

PONCIA. *(Sahindo.)* Cahiu na ratoeira! Eu sempre sou uma grande mulher!

SCENA XII

HEITOR *e* MORGADO

MORGADO. Que estás ahi a fazer tão casmurro, ó primo?

HEITOR. Deixa-me que estou p'ra dar um estoiro!

MORGADO. *(Á parte.)* Hade ser por eu lhe não casar com a filha! *(Heitor ergue-se e passeia muito agitado.)*

HEITOR. P'ra que vim eu á Foz! A rapariga estava tão socegada lá em riba! Andava tão alegre a cantar lá pelos soutos, e a tratar dos perus e dos patos! Era a minha alegria vêl-a a fazer a barrela com as criadas!.. Ai! que eu arrebento!

MORGADO. *(A' parte.)* Não me enganei. *(Alto.)* Primo Heitor, eu vou-te a dizer o que sinto, e tem paciencia. Eu não caso com tua filha, porque aquella cabeça não regula bem. Tu já sabes o que aconteceu. Um homem, que caza, deve olhar ao futuro, e atirar com o coração p'ra traz das costas, quando a coisa lhe não bacoreja. A fallar-te a verdade, depois que tua filha começou a malucar, eu voltei-me para D. Vicencia, e ella cahiu-me no gôto. Fiz-lhe dois dedos de namôro, e conheci que ella me tinha amor de dentro. Dei-lhe a minha palavra de casar com ella, e agora não tenho remedio senão leval-a á egreja.

HEITOR. Pois leva, e deixa-me, homem! Tu não sabes o que eu tenho!

MORGADO. Sei que tens boa casa; mas eu p'ra viver á farta, graças a Deus, tambem tenho. Eu, se casasse com a tua filha, não era pr'ámor do dote, ouviste?

HEITOR. Quem te falla n'isso, homem? A minha filha deu em droga. Agora não ha remedio senão casal-a.

MORGADO. Deu em droga! Põe lá isso em miudos!

HEITOR. Não me perguntes nada. Vai tratar da tua vida!

SCENA XIII

OS MESMOS, D. HERMENIGILDA, JOÃO, *e* PONCIA

PONCIA. *(Para fóra.)* Faça como eu lhe ensinei. Veja lá!..

D. HERMENIGILDA. *(Entrando, e indo ajoelhar aos pés do pae.)* Sr. paesinho! eu quero casar com o sr. João Alvares.

HEITOR. Ingrata filha! fizestel-a boa!... podes limpar as mãos á parede! Foi p'ra isso que eu te trouxe a banhos do mar. Que fizeste, Hermenigilda!

D. HERMENIGILDA. Eu não fiz nada! Se o paesinho me não deixa casar, vou-me botar ao mar!

JOÃO. *(Ajoelhando ao lado d'ella.)* Sr. Heitor Falcão, os culpados são dois, devem ser duas as victimas da sua justiça. Castigue-me a mim, e poupe sua virtuosa filha que está innocente.

HEITOR. Não está má a virtude! Ponham-se a prumo. Não quero cá ninguem de jiôlhos como nas comedias.

MORGADO. *(Rindo muito.)* Eu estou pasmado do que vejo! Que manfarrico de embrulhada é esta!?

PONCIA. De que está a rir-se este pelludo?

MORGADO. *(Serio.)* Olhe que eu dou-lhe um tapa ôlho, sua lagarta.

PONCIA. Pois não déste! Venha para cá!..

HEITOR. *(A Hermenigilda.)* Com que então queres casar com este sujeito?

D. HERMENIGILDA. Pois eu!..

HEITOR. Pois tu!.. Ah! velhaca, que parecias uma lorpa, e enganaste-me!... Casem, casem. Lá se avenham.

JOÃO. Permitta que eu lhe beije a mão, e lhe dê o doce nome de pae.

PONCIA. *(A Hermenigilda.)* Vá a menina pelo outro lado, e faça o mesmo.

D. HERMENIGILDA. Permitta que eu lhe beije a mão, e lhe dê o doce nome de pae.

MORGADO. *(Gargalhando.)* Ai! que comedia! isto é perdido em pouca gente!

SCENA ULTIMA

OS MESMOS, D. VICENCIA, *e* BERNARDO,
e os sujeitos dos cobertores

D. VICENCIA. *(Sahindo do seu quarto.)* Que bulha, que bulha, fazem! *(Os sujeitos sahem dos quartos lateraes.)*

UM SUJEITO. Não é possivel dormir n'esta infernal casa!

MORGADO. Calem-se lá, sus indecentes! D. Vicencia, veja isto, veja isto! O amigo João vae casar com a menina da Amarante!

D. VICENCIA. Não me espanto!...

PONCIA. Nem se deve espantar.

MORGADO. Quem te chamou cá, ó abelha-mestra?

PONCIA. Ninguem; vim eu responder áquella senhora, que é muito esperta.

MORGADO. E tu és muito bruta.

BERNARDO. *(Á parte a João.)* Tu agora podes emprestar-me cem libras a vêr se me desforro?

JOÃO. Isso não é pr'áqui. Falla-me ámanhã.

MORGADO. Oiçam lá, que vai fallar um homem! Estão feitas as pazes! São dois casamentos no mesmo dia, e d'aqui vamos comer as assaduras a minha casa. D. Vicencia, minha adorada esposa, tu has de ensinar a prima Hermenigilda a fallar francez.

JOÃO. Não quero que minha mulher saiba francez... Muito obrigado!

MORGADO. Pois eu vou aprender francez, e depois vamos